

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO**

LUIZ GUSTAVO DOS SANTOS

**A INFOÉTICA NO ENSINO DA ENFERMAGEM: ESTUDO DE CASO BASEADO
NOS PRINCÍPIOS DE RAFAEL CAPURRO NO TRATAMENTO,
ARMAZENAMENTO E USO DAS INFORMAÇÕES**

CURITIBA

2017

LUIZ GUSTAVO DOS SANTOS

**A INFOÉTICA NO ENSINO DA ENFERMAGEM: ESTUDO DE CASO BASEADO
NOS PRINCÍPIOS DE RAFAEL CAPURRO NO TRATAMENTO,
ARMAZENAMENTO E USO DAS INFORMAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de Pesquisa em
Informação II, como requisito parcial à
conclusão do curso de Bacharelado em
Gestão da Informação, Setor de Ciências
Sociais Aplicadas, Universidade Federal
do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Sandra de Fátima
Santos.

CURITIBA

2017

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, por todos os anos de aprendizado.

À minha família, Antonio Marcos dos Santos, Leticia Rafaelly dos Santos e Cléia Reisdorfer dos Santos, que me auxiliaram e motivaram não somente neste projeto, mas a buscar desenvolver pessoal e profissionalmente.

À minha orientadora, Sandra de Fátima Santos, pela ajuda no desenvolvimento do projeto, fornecendo toda a estrutura na aplicação da avaliação e análise dos dados, também pela assessoria jurídica, tendo em vista a vasta experiência acadêmica e profissional que possui, auxiliou na definição do caminho a ser trilhado no projeto.

À coordenadora geral do curso de Enfermagem, Katia Renata Antunes, pelo auxílio no projeto, se prontificando a ajudar na pesquisa.

Quanto ao processo de planejamento, agradeço ao professor Marcos Antonio Tedeschi que auxiliou no desenvolvimento do projeto inicial, aconselhando e fornecendo *feedback*.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO DE GAUSS.....	31
QUADRO 2: DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE AS RESPOSTAS DA QUESTÃO 3...	37
QUADRO 3: COMPARAÇÃO ENTRE AS QUESTÕES 3 E 12.....	44
QUADRO 4: DISTRIBUIÇÃO CRUZADA ENTRE AS RESPOSTAS DAS QUESTÕES 11 E 13.....	45

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: O SER ÉTICO.....	23
FIGURA 2: FÓRMULA PARA CÁLCULO DA AMOSTRA.....	30

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 1.....	36
GRÁFICO 2: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 6.....	38
GRÁFICO 3: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 10.....	40
GRÁFICO 4: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 11.....	41
GRÁFICO 5: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 13.....	42
GRÁFICO 6: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 12.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação Americana de Psicologia
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Antes de Cristo
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
HV	História de Vida
MEC	Ministério da Educação
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNICENP	Centro Universitário Positivo
UP	Universidade Positivo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	PROBLEMA.....	1
1.2	HIPÓTESE	2
1.3	OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS.....	2
1.4	JUSTIFICATIVA	3
2	REVISÃO TEÓRICO-EMPÍRICA.....	5
2.1	HISTÓRIA DA ÉTICA.....	7
2.2	ÉTICA NO ENSINO DA ENFERMAGEM	11
2.3	ÉTICA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.....	15
2.4	O CONTEXTO DA INFORMAÇÃO.....	16
2.5	O OLHAR SOBRE O CONHECIMENTO.....	18
2.6	DIREITO DA INFORMAÇÃO.....	20
2.7	INFOÉTICA	20
2.8	RAFAEL CAPURRO: REFERENCIAL TEÓRICO	24
3	MÉTODOLOGIA UTILIZADA.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
3.1	ANÁLISE DO OBJETO DE PESQUISA	27
3.1.1	AMOSTRA	29
3.2	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	31
A)	QUESTIONÁRIO	31
B)	ENTREVISTA	32
3.3	APRESENTAÇÃO, RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÃO PARA PESQUISAS FUTURAS	47
	REFERÊNCIAS.....	49
	APÊNDICE 1.....	55
	APÊNDICE 2.....	56
	APÊNDICE 3.....	57
	APÊNDICE 4.....	59
	APÊNDICE 5.....	61
	APÊNDICE 6.....	63
	APÊNDICE 7.....	65

APÊNDICE 8.....67
APÊNDICE 9.....69
ANEXO 71

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, segundo Paschoal *et al* (2002), a ética é importante ser pesquisada e desenvolvida na sociedade contemporânea, em especial na área da saúde, por se tratar do ser humano, em que é necessário que seja verificada a graduação no intuito de identificar como é disseminada a ética, e em especial, da informação, em que foi analisada a comunicação, ensino e disseminação de conhecimento. Para isso, foi essencial a definição de bases filosóficas para análise da instituição e definição dos parâmetros éticos que serão tomadas as decisões ou ações.

Também foi fundamental para a pesquisa a definição dos métodos, em que se optou pela utilização de questionário e entrevista para estudo da graduação em enfermagem, em que as ferramentas são destacadas por auxiliarem na análise do curso em relação à ética da informação. Em relação às respostas obtidas, são realizadas comparações entre a expectativa e a realidade na graduação e consequentemente concluindo com a refutação ou afirmação da hipótese e sugestões para pesquisas futuras.

O trabalho está dividido em três partes onde a primeira consiste na revisão teórico-empírica em que será analisada a literatura pertinente de acordo com a temática, em relação à segunda parte, foram destacados os métodos utilizados, em que foi realizado um cálculo amostral e a consequente coleta de dados, para análise e discussão. Para a etapa final, foram levantadas sugestões para pesquisas futuras e as considerações finais.

1.1 PROBLEMA

Esta pesquisa visa a análise do perfil da graduação presencial em enfermagem da Universidade Positivo segundo o conceito de infoética proposto por Rafael Capurro, por meio do seguinte problema: “Segundo o conceito de infoética de Rafael Capurro, como determinar se o curso de enfermagem de uma instituição privada é considerado ético segundo os conceitos/princípios de infoética?”.

1.2 HIPÓTESE

No intuito de, segundo Gil (2002), oferecer uma solução possível para o problema, por meio de uma proposição, foi definida a **hipótese** de que a graduação em enfermagem da Universidade Positivo é considerada ética no tratamento, armazenamento e uso das informações internas e externas.

1.3 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

Para definição de uma base que afirme ou conteste a hipótese, foi definido como objetivo geral analisar os resultados obtidos com a análise do perfil da Universidade em relação à infoética. Quanto aos **objetivos específicos**, ou seja, a estruturação dos objetivos necessários para cumprimento do geral, consistem em:

- Definir as perguntas que enquadram o perfil da graduação em enfermagem sobre infoética;
- Coletar os dados quantitativos e qualitativos segundo a amostra definida por meio de cálculo estatístico;
- Contestar ou afirmar a hipótese e identificação dos meios de correção das falhas apontadas pela análise.

Para atendimento do objetivo geral e dos específicos, foram verificados os dados referentes à instituição que é realizada a pesquisa, onde foi discutido qual o método de análise adequado e as ferramentas para realização do projeto. Também são destacados os conceitos e parâmetros de avaliação segundo a literatura pertinente, relatando o uso e a importância dos métodos, focando em uma amostra de professores por meio de cálculo estatístico. Como conclusão, são discutidos os objetivos cumpridos, justificando a afirmação de que a instituição é considerada ética no uso, armazenamento e disponibilização de informação no ambiente acadêmico (por meio da relação docente-discente).

1.4 JUSTIFICATIVA

O tema foi abordado por preferência do pesquisador em relação à filosofia e ciência da informação, considerando uma aproximação entre os dois campos e possibilitando o estabelecimento de um diagnóstico na organização; também é foco da pesquisa a instituição em que o pesquisador atua como estagiário da graduação em Gestão da Informação na Universidade Federal do Paraná. Em relação ao curso, foi selecionado devida a facilidade no desenvolvimento da pesquisa, pois a graduação está localizada na unidade em que o estagiário trabalha, tornando assim, um projeto viável para pesquisa.

O foco da pesquisa consiste na graduação de uma empresa privada, cuja justificativa para a definição da temática, segundo Fernandes (2009), é a crescente demanda por um retorno dos investimentos da população, principalmente, por meio de uma imagem positiva, ou seja, o lucro ético, que de acordo com Fernandes (2009 apud FERNANDES, 2009) consiste no investimento em ações que retornem à sociedade, ou seja, de cunho sócio-integrativa, seja interno com políticas aos funcionários ou externo através de projetos voltados ao meio ambiente, educação, lazer e/ou cultura.

Tendo em vista que se trata de uma instituição de ensino, é necessária uma pesquisa que foque em uma análise da infoética, pois com a definição dos principais pontos que determinam a organização, como ética nas ações que envolvem a informação, é possível verificar os meios para correção dos erros ou focar em estratégias para aprimoramento dos tópicos levantados como inexistentes na organização.

A pesquisa também é justificada pela legislação vigente, tendo em vista que os Artigos da Constituição Federal de 1988: 7º caput, XI, aborda o relacionamento entre empregador e empregado, quanto o Art. 170, caput, VI e VII, é definido o amparo do relacionamento externo, tanto com a sociedade, quanto com o meio ambiente. E no contexto legal, o projeto propõe o estabelecimento de um perfil ético com os clientes, através da proteção do consumidor no artigo V da Constituição.

Este estudo também objetiva ser utilizado como base para a instituição como um todo, se for verificado o contexto e aplicabilidade da pesquisa, visto que cada setor possui processos e funcionários diferenciados (dos analisados na graduação), possibilitando a aplicação ou não dos métodos utilizados no estudo.

No intuito de estabelecer um estudo considerado como inovador em relação a instituição, foi definida uma estratégia para busca dos termos relacionados à temática, para isso, foram selecionadas cinco bases de dados para análise dos resultados e justificativa da pesquisa, foram verificados quais os termos para localização eficiente de materiais sobre infoética aplicada ao ensino de enfermagem, pois foram divididas em palavras específicas para identificar se a pesquisa possui material com a mesma temática ou relacionados.

Para localização dos dados, foram efetuadas pesquisas em bases de dados com diversas temáticas, constando, o nome do filósofo selecionado para pesquisa (Rafael Capurro) e termos específicos como: ética da informação, infoética, ensino superior, graduação e enfermagem. Como método de pesquisa, foram utilizados os caracteres booleanos: aspas (") e soma(+), com exceção da base de teses e dissertações da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), onde a primeira já possui um método de pesquisa estruturado onde facilitou a inserção dos elementos (ver apêndice 5), e quanto a segunda, a utilização de regras dificultou na pesquisa, retornando nenhum elemento (ver apêndice 9), para isso, foram lançados sem separação.

Como fase inicial da pesquisa foi selecionada a base da UFPR, onde constam teses e dissertações nos formatos físicos e digitais, por se tratar da principal instituição onde a pesquisa foi planejada e estruturada. Quanto ao *Google Acadêmica*, foi escolhida por abordar diversos acervos e artigos, comumente disponibilizados em formatos de *hiperlinks* ou em arquivos, foi fundamental, pois apresenta maior quantidade de elementos (ver apêndice 5) no resultado em relação às outras bases.

Também foi pesquisado o repertório de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por se tratar de uma base nacional, foi localizada uma quantidade maior de artigos em português (ver apêndice

3) em relação às fontes pesquisadas. Quanto a *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) ou Livraria Científica Eletrônica *Online*, consiste em uma base internacional, onde os resultados obtidos em língua estrangeira (inglês) foram de maior proveito para a pesquisa (apêndice 8).

A quantidade de pesquisas na área de “ética em informação” é pouca em comparação com a de artigos produzidos sobre a “ética” (ver apêndices 5,6,7,8 e 9), o resultado torna-se diminuto, quando é especificado o filósofo e/ou área, tornando-se complexo, localizar um modelo para uma instituição. Nas pesquisas realizadas, foi verificada uma abordagem voltada ao profissional na disseminação de informações, ou seja, ética aplicada ao professor como meio de transmissão de mensagens, também não foi localizado um estudo voltado à instituição, considerando o contexto, ferramentas e a reação dos alunos, focando não em um profissional, mas na aula como um todo.

Ao estabelecer métricas baseadas no filósofo e pesquisador Rafael Capurro, não somente auxilia na compreensão da organização e correção dos erros, mas também na ampliação do campo de pesquisa, construindo uma análise da infoética em relação às organizações educacionais.

2 REVISÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

A ética, segundo Moore (1975, p. 84 apud GOLDIM, 2000), é a investigação geral sobre aquilo que é bom, cujo significado, definido pelo autor, consiste em:

“Uma palavra de origem grega, com duas origens possíveis. A primeira é a palavra grega *éthos*, com e curto, que pode ser traduzida por costume, a segunda também se escreve *éthos*, porém com e longo, que significa propriedade do caráter. A primeira é a que serviu de base para a tradução latina Moral, enquanto que a segunda é a que, de alguma forma, orienta a utilização atual que damos a palavra Ética.”

Todo ser humano, segundo Campos *et al* (2002, p. 1), é dotado de uma consciência moral, que o faz distinguir e refletir sobre o certo ou errado, justo ou injusto, bom ou ruim, tornando capaz de analisar e “avaliar suas ações, sendo, portanto, capaz de ética”. Os autores destacam que a ética vem a ser “os valores, que

se tornam os deveres, incorporados por cada cultura e que são expressos em ações”. A ética, segundo Campos *et al* (2002, p. 1), consiste na “ciência do dever, da obrigatoriedade, a qual rege a conduta humana”, tornando possível inferir que a ética é o “estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto”.

A ética tem por objetivo, segundo Clotet (1975 apud GOLDIM, 2000), auxiliar na realização das pessoas, ou seja, que o indivíduo se complete como tal, o autor destaca que a “ética se ocupa e pretende a perfeição do ser humano”. Este termo, segundo Singer (1975, p. 4 apud GOLDIM, 2000), está presente em todas as sociedades, não somente na humana. O autor descreve o conceito como um

“conjunto de regras, princípios ou maneiras de pensar que guiam, ou chamam a si a autoridade de guiar as ações de um grupo em particular (moralidade), ou é o estudo sistemático da argumentação sobre como nós devemos agir (filosofia moral)”.

É destacado por Campos *et al* (2002) que existe uma profunda ligação entre ética e filosofia, pois possui como fundamento a concepção filosófica do homem, gerando uma visão total do homem como ser social, histórico e criador. Campos *et al* (2002, p. 2) exemplificam a ligação por meio de conceitos com os quais a “ética trabalha de uma maneira específica, como os de liberdade, necessidade, valor, consciência, sociabilidade, pressupõe um prévio esclarecimento filosófico”. Também são destacados por Campos *et al* (2002, p. 2) que as complicações relacionadas com a compreensão moral ou com a forma, “significação e validade dos juízos morais exigem que a ética recorra a disciplinas filosóficas especiais, como a lógica, a filosofia da linguagem e a epistemologia”.

Também é necessário destacar o conceito de deontologia, que segundo Japiassu e Marcondes (1991, p. 67 apud SOUZA, 2002, p. 55), consiste no “código moral das regras e procedimentos próprios a determinada categoria profissional”, e segundo Souza (2002, p. 55), no elenco de

“determinações objetivas, instruções operacionais e de cunho prático, que os membros de um grupo profissional devem seguir, no exercício de suas atividades, para garantir a uniformidade, em todos os seus aspectos e lugar, do trabalho e ação do grupo, como se fosse a ação de um indivíduo”.

2.1 HISTÓRIA DA ÉTICA

A história da ética, segundo Campos *et al* (2002), está entrelaçada com a história da filosofia, onde são buscados os fundamentos para regular o desenvolvimento histórico e cultural da humanidade. É destacado por Chauí (1995 apud CAMPOS *et al*, 2002), com base nos textos de Platão e Aristóteles, afirma que no Ocidente, a ética ou filosofia moral começa com Sócrates. Para Sócrates, segundo Campos *et al* (2002), o corpo é a prisão da alma, considerada como imutável e eterna.

É destacado por Aricó (2001 apud CAMPOS *et al*, 2002, p. 2), que na filosofia de Sócrates, existe “um ‘bom em si’ próprios da sabedoria da alma e que podem ser rememorados pelo aprendizado”. A bondade absoluta do homem, segundo o autor, tem relação a uma ética pertencente à alma e cujo o corpo para reconhecê-la é obrigatório que seja purificado.

O conceito de ética, segundo Campos *et al* (2002), foi subordinado à política por meio de Aristóteles, ou seja, é acreditado que na monarquia e na aristocracia é encontrada a alta virtude, pois é um privilégio de poucos sujeitos.

Na doutrina de Aristóteles, é destacado pelos autores que a ética está em similaridade com a ordem vigente, em que cada virtude, segundo Aricó (2001 CAMPOS *et al*, 2002, p. 2), é um “meio-termo entre dois extremos, e cada um desses extremos seria um vício”, resultando em uma ética adaptativa, ou seja, serviu às necessidades políticas da época, em que onde o homem deveria ser resignado com a realidade, em que, segundo o autor, seria necessário a interferência da família e da educação para conter as paixões próprias. É destacado por Aricó (2001 CAMPOS *et al*, 2002, p. 2), a afirmação de Aristóteles em que na prática ética “somos o que fazemos, visando a uma finalidade boa ou virtuosa”, resultando na idéia de que o agente, a ação e o intento do agir são inseparáveis, segundo Aristóteles (349 AC apud CAMPOS *et al*, 2002), toda arte, toda averiguação e do mesmo modo toda atividade e eleição, indicam uma tendência a algum bem, por isso é afirmado pelo autor que o bem é aquilo a que todas as coisas pendem.

No livro a “Ética a Nicômaco”, escrito por Aristóteles em 349 AC, considerado por Campos *et al* (2002, p. 3) como o “primeiro grande tratado de filosofia moral”, em

que é destacada a gênese da “Ética como branca autônoma da filosofia”. Isto acontece, segundo o autor, com Aristóteles, quando a reflexão moral se desune da especulação teórica e assume as características de ter um objeto específico e um particular método de indagação.

O objeto da filosofia política, de acordo com Campos *et al* (2002, p.3), Aristóteles afirma que “é o bem supremo do homem, seu fim último”, pois não é somente o bem de cada pessoa, mas de toda a Pólis, conceito que segundo Ferreira (2017), consiste na “cidade independente cujo governo era exercido por cidadãos livres, na antiguidade grega”. A ciência da Pólis, de acordo com Campos *et al* (2002), por se focalizar do fim último, é a ciência arquetônica, que desempenha uma função diretiva nas relações entre todas as outras artes ou ciências práticas.

A Ciência política, segundo Campos *et al* (2002), não deve somente conhecer o bem, mas também deve realizá-lo. No campo da Ética, é descrito por Campos *et al* (2002, p. 3), que a razão se interpõe para definir regras de conduta, mas através de um “procedimento diferente do dedutivo, próprio das ciências teóricas”. O mundo essencialista, segundo Vasquez (1997 apud CAMPOS *et al*, 2002, p. 3), consiste no planeta da contemplação, idéia compartilhada pelo filósofo grego Aristóteles (384-322 AC): “a verdadeira vida moral [...] isto é, consagrar-se a procurar a felicidade na contemplação”.

No pensamento dos filósofos da Antiguidade, de acordo com Campos *et al* (2002), as pessoas aspiram ao bem e à felicidade, que só podem ser ascendidos pela conduta virtuosa. Para a ética essencialista, segundo os autores, o homem era visto como um indivíduo livre, sempre em busca da perfeição, que equivale os valores morais que estariam inseridos na essência do homem.

Para ser ético, Campos *et al* (2002) destacam que o homem no intuito de alcançar a perfeição, deveria se conectar com a própria essência, pois o indivíduo, como qualquer ser, busca a própria perfeição, que acontecerá quando a essência pessoal estiver plenamente realizada. A ética essencialista, segundo Campos *et al* (2002, p.3), é resumida em três aspectos, ou seja, o

“agir em conformidade com a razão; [...] o agir em conformidade com a Natureza e com o caráter natural de cada indivíduo; [...] a união permanente entre ética (a conduta do indivíduo) e política (valores da sociedade). A ética

era uma maneira de educar o sujeito moral (seu caráter) no intuito de propiciar a harmonia entre o mesmo e os valores coletivos, sendo ambos virtuosos”.

Por meio das investigações teórico-morais de Aristóteles, segundo Goldim (2000), então denominadas como “éticas”, consideradas como análises sobre o *ethos*, conceito que aborda, conforme Goldim (2000), “as propriedades do caráter”, apresentando as virtudes e vício, parte considerada pelo autor como essencial para investigação do termo.

É destacado por Goldim (2000) que no latim o termo grego *éthicos* foi então traduzido por *moralis*, pois através da dissecação do termo, Goldim (2000) discute que *mores* significa: usos e costumes, demonstrando um erro de tradução, pois segundo o autor, na ética aristotélica não “apenas ocorre o termo *éthos* (com 'e' longo), que significa propriedade de caráter, mas também o termo *éthos* (com 'e' curto) que significa costume e é para este segundo termo que serve a tradução latina”.

Com o cristianismo, segundo Campos *et al* (2002) o conceito de ética é complementado, pois por meio de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, é incorporada a idéia de que a virtude se estabelece à partir da relação com Deus e não com a cidade ou com o outro. Os autores destacam que Deus é considerado o único intercessor entre os indivíduos e as duas principais virtudes do cristianismo são a fé e a caridade, em que é afirmada na ética o livre-arbítrio, sendo que o impulso inicial da liberdade está direcionado para o mal, ou seja, o pecado.

Por meio do cristianismo aplicado à ética, de acordo com Campos *et al* (2002), o homem é considerado como fraco, pecador e que está dividido entre o bem e o mal, cujo auxílio consiste em agir segundo a lei divina, resultando no surgimento da idéia do dever. Os autores destacam que a ética passou a estabelecer três tipos de comportamento, ou seja, o moral ou ético, que é baseado no dever, o imoral ou antiético e o indiferente à moral.

Ocorreram profundas transformações no mundo à partir do século XVII, segundo Campos *et al* (2002, p.4), pois através de Lutero, por meio das revoluções religiosas, as científicas de Copérnico e filosóficas, com Descartes, em que foi gerado um novo pensamento na era Moderna, onde era caracterizada pelo “Racionalismo Cartesiano - a razão é o caminho para a verdade, e para chegar a ela é preciso um discernimento, um método”.

Em oposição à fé é destacado por Campos *et al* (2002, p. 4) que surge o poder exclusivo da razão de discernir, distinguir e comparar gerando o desenvolvimento da ética naturalista, em que é considerado pelos autores, como um “marco na história da humanidade que doravante acolhe um novo caminho para se chegar ao saber: o saber científico pauta-se num método e o saber sem método é mítico ou empírico”.

A ética moderna, segundo Campos *et al* (2002), é destacado o conceito de que os indivíduos devem ser tratados sempre como fim da ação e jamais como meio para alcançar os interesses próprios, idéia essa, que foi defendida por Immanuel Kant, um dos mais importantes filósofos da Modernidade.

De acordo com Abbagnano (1998 apud CAMPOS *et al*, 2002, p. 5), Kant afirmava que “não existe bondade natural. Por natureza somos egoístas, ambiciosos, destrutivos, agressivos, cruéis, ávidos de prazeres que nunca nos saciam e pelos quais matamos, mentimos, roubamos”. Também é afirmado por Kant, segundo os autores, que se o ser humano se deixar levar pelos próprios impulsos, apetites, desejos e paixões não terá autonomia ética, pois “a Natureza nos conduz pelos interesses de tal modo que usamos as pessoas e as coisas como instrumentos para o que desejamos”.

Para evitar que o ser humano seja escravo dos próprios desejos, segundo Kant (1788 apud CAMPOS *et al*, 2002, p. 5), afirma que é necessário agir conforme o Imperativo Categórico, ou seja, “o ato moral deve concordar com a vontade e com as leis universais que ela dá a si mesma: ‘Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal’”.

Kant (1788 apud CAMPOS *et al*, 2002, p. 5) sustentava que o homem é o ponto médio entre o conhecimento e a moral, em que “o ato ético e moral criado e seguido pelo homem, isso passa a ser incondicionado e absoluto”.

No século XIX, segundo Campos *et al* (2002, p. 5), Friedrich Hegel gera uma nova perspectiva complementar e que não foi abordada pelos filósofos da Modernidade, ou seja, é apresentada a

“perspectiva Homem - Cultura e História, sendo que a ética deve ser determinada pelas relações sociais. Como sujeitos históricos culturais, nossa vontade subjetiva deve ser submetida à vontade social, das instituições da

sociedade. Desta forma a vida ética deve ser 'determinada pela harmonia entre vontade subjetiva individual e a vontade objetiva cultural'".

Na Contemporaneidade, segundo Campos *et al* (2002, p. 7), Nietzsche confere a origem dos valores éticos à emoção e não à razão, pois o "homem forte" é aquele que não reprime os impulsos e desejos próprios, que não se entrega à moral demagógica e repressiva.

No intuito de complementar a mudança radical de conceitos, segundo Campos *et al* (2002, p. 7), Freud apresenta a descoberta do inconsciente,

"instância psíquica que controla o homem, burlando sua consciência para trazer à tona a sexualidade represada e que o neurotiza. Porém, Freud, em momento algum afirma dever o homem de acordo com suas paixões, apenas buscar equilibrar e conciliar o id com o super ego, ou seja, o ser humano deve tentar equilibrar a paixão e a razão".

A obra "Vida Ativa" de Anna Harendt, de acordo com Campos *et al* (2002, p. 7), reflete sobre as diferenças entre a ética Praxista, Essencialista e a Naturalista. Para Anna Harendt, segundo os autores, a "experiência da Polis oferece uma chance de um exame crítico da crise política no presente".

2.2 ÉTICA NO ENSINO DA ENFERMAGEM

Nos últimos trinta anos, segundo Cohen *et al* (2008 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010), devido o notório avanço tecnológico e científico nos campos da biologia e da saúde a sociedade é exposta a situações até pouco tempo inimagináveis. O autor destaca que,

"somando-se a este fato, a constante aplicação da ciência e da tecnologia no processo de cuidar em saúde, com destaque para a enfermagem, tem influenciado significativamente a prática destes profissionais, em decorrência do surgimento de dilemas de ordem ética durante o exercício da profissão, inferindo-se, assim, a inquestionável importância que a ética adquire para os enfermeiros na sua tomada de decisões frente a problemas éticos e morais."

A notória evolução dos conceitos de ética ao decorrer do tempo, segundo Mascarenhas e Souza (2010), foi fundamental para adequá-la ao momento histórico que a caracterizava, possibilitando identificar, conforme destacado por Santiago e Palácios (2006 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010), em que "alguns marcos conceituais e históricos que caracterizam diferentes momentos da ética, partindo de

uma ética geral, passando pela ética direcionada para as ciências médicas, chegando à bioética".

É destacado por Mascarenhas e Souza (2010) que nas últimas décadas, os avanços da ciência e da tecnologia estão se tornando uma força transformadora que atua sobre a natureza e sobre a vida humana, conseqüentemente reflete sobre a prática cotidiana dos profissionais de saúde, os quais, segundo Rosa e Vieira (2006 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010), "têm sentido de perto as repercussões sobre o seu pensar e/ou agir."

A crescente utilização da tecnologia na área das Ciências da Vida e da Saúde, segundo Mascarenhas e Souza (2010), despertou nos profissionais a atenção para os dilemas éticos e bioéticos "possíveis de emergir durante o processo de cuidar em saúde, influenciando de forma significativa a prática dos profissionais que atuam nesta área." O autor destaca que os dilemas éticos oriundos dos cuidados prestados pela equipe de enfermagem no ambiente de trabalho, resultou no aumentado em quantidade e complexidade nos últimos anos e as principais causas, destacadas por Neves e Barcelos (2004 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010), são

"os progressos biotecnológicos e a crescente tecnicalização da própria enfermagem, que obrigaram a repensar a função primordial do enfermeiro e suas competências; a intensificação da consciência dos direitos individuais que assistem a todas as pessoas, nomeadamente o da autonomia, que obrigou a reconsiderar a natureza das relações interpessoais com as pessoas doentes; a valorização profissional da enfermagem, que obrigou a reestruturar as relações interpessoais; e o correspondente aumento das exigências a nível da formação, que obrigou à revisão dos currículos por parte das Escolas Superiores de Enfermagem (ou afins)".

Também é necessário destacar que, segundo Paschoal *et al* (2002, p. 3), a enfermagem foi fundamentada na "caridade, religiosidade, intuição e submissão ao saber médico," resultando em um desempenho de prática "rotineira e mecanicista, em que dificilmente se deparavam sensibilidade e arte." Atualmente, é destacado pela autora que a enfermagem é influenciada pela visão cartesiana do ser humano, em que é caracterizada pela separação entre corpo e alma, e pelo modelo biologicista, em que combate os sintomas e as causas das doenças, não se preocupando com outros fatores determinantes, como os "emocionais, psicológicos e sociais que interferem no estado de saúde e doença das pessoas."

Atualmente, segundo Ferreira e Ramos (2006 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010), o ensino da ética nas escolas superiores de enfermagem no Brasil ainda tem se caracterizado por “uma visão deontológica, restrito a um conjunto de normas e códigos trabalhados de maneira abstrata”, situação esta que, segundo Ferreira e Ramos (2006 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010) “desvirtua o real sentido que o ensino da ética deve ter para os futuros enfermeiros.” Nesta perspectiva é destacada pelo autor que, a ética lecionada com base somente em conceitos torna-se insuficiente no processo de formação do enfermeiro, considerando que o “contexto atual exige que os dilemas emergentes da prática profissional sejam analisados de forma crítica, articulada aos fatos do cotidiano, de maneira a estimular discussões epistemológicas e práticas.” Também é necessário acrescentar que, segundo Germano (1993 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010), que

“não é possível estruturar o ensino de ética sem a compreensão da realidade social e sem o exercício da crítica sistemática às questões mais gerais da saúde e da sociedade, que repercutem no dia-a-dia da profissão e na assistência que a enfermagem presta aos indivíduos”.

A ética, segundo Paschoal *et al* (2002), pode ser definida como um conhecimento que complementa e integra as várias disciplinas do currículo de enfermagem, visando padronizar a linguagem comum, relacionando com os princípios éticos que norteiam a profissão.

O potencial da ética como eixo transversal na formação em saúde, segundo Sá (2002 apud CARNEIRO *et al*, 2010), aplica-se na reestruturação curricular dos cursos de saúde. O autor destaca que é importante investir na transdisciplinaridade do curso com o objetivo de colocar a serviço da sociedade profissionais que busquem aprimorar, além das habilidades teórico-técnicas, o desenvolvimento de virtudes sociais e pessoais, segundo Sá (2002 CARNEIRO *et al*, 2010), “incentivando a avaliação e o exercício da autocrítica permanentemente no processo natural das atividades de todas as disciplinas básicas e profissionais”.

Como disciplina, segundo Paschoal *et al* (2002, p. 1), a ética faz “parar para pensar” a responsabilidade profissional, a mesma se refere, conforme destacado por Fortes (1998 apud PASCHOAL *et al*, 2002, p. 1), à análise crítica do comportamento, ou seja, “reflexão que interpreta, discute e problematiza, investiga os valores,

princípios e o comportamento moral, à procura do ‘bom’, da ‘boa vida’, do ‘bem-estar da vida em sociedade’”.

No intuito de lecionar ética, Garrafa (2002 apud MASCARENHAS e SOUZA, 2010) destaca que é fundamental um “ensino sistemático e transversal da ética/bioética no transcorrer da formação acadêmica do enfermeiro” em que é acompanhado o progresso científico e cultural, permitindo que, segundo o autor, os profissionais exerçam suas atividades com competência, diante dos obstáculos que se apresentam. O ensino da ética, segundo Mascarenhas e Souza (2010), requer uma “articulação com a vivência da prática, pois quando não há esta articulação, o ensino desta disciplina se torna para o estudante uma atividade vazia de significado e leva-o a um distanciamento da reflexão crítica”.

No ensino da ética em enfermagem, Paschoal *et al* (2002) destaca que é necessária a igualdade de condição do aprendizado e na atuação profissional, devendo ser desenvolvidos, como por exemplo, o respeito mútuo, à solidariedade e à responsabilidade. Segundo Paschoal *et al* (2002, p. 4), os valores constituem, “assim, um compromisso pessoal e social nos indivíduos, com a compreensão de seus direitos e deveres, tanto na educação quanto na saúde”. Além dos valores citados, Paschoal *et al* (2002, p. 5) destaca que é preciso posicionar-se diante das adversidades com autonomia, para produzir o curso de ação mais eficaz e eficiente. A competência, segundo os autores, inclui o

“decidir e agir em situações imprevistas, o que significa intuir, pressentir e arriscar, com base na experiência anterior e no conhecimento. Ser competente é ser capaz de mobilizar conhecimentos, informações e até mesmo hábitos, para aplicá-los, com capacidade de julgamento, em situações reais e concretas, individualmente e com sua equipe de trabalho. Sem capacidade de julgar, considerar, discernir e prever os resultados de distintas alternativas, eleger e tomar decisões, não há competência.”

Quanto às competências do professor que leciona Ética, Sá (2002 apud CARNEIRO *et al*, 2010), Ferreira e Ramos (2006 apud CARNEIRO *et al*, 2010) destacam que o docente deve ter conhecimento sobre “ciências humanas e sociais, nos campos da Filosofia, Pedagogia, Sociologia, Antropologia e Psicologia”.

2.3 ÉTICA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada, segundo Werthein (2000, p. 71), nos últimos anos do século XX, como substituto para o conceito de “sociedade pós-industrial” e como forma de informar o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”.

A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar, segundo Werthein (2000, p. 71) refere-se “às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações”.

A sociedade da informação, segundo Castells (2000 apud WERTHEIN, 2000, p. 72), considera como matéria-prima a informação, em que “as tecnologias se desenvolvem para permitir o homem atuar sobre a informação propriamente dita”. Os efeitos das novas tecnologias, de acordo com Castells (2000 apud WERTHEIN, 2000, p. 72) têm alta

“penetrabilidade porque a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto todas essas atividades tendem a serem afetadas diretamente pela nova tecnologia. Predomínio da lógica de redes, [...] característica de todo tipo de relação complexa, pode ser, graças às novas tecnologias, materialmente implementada em qualquer tipo de processo”.

A tecnologia na sociedade da informação, segundo Castells (2000 apud WERTHEIN, 2000, p. 72), favorece “processos reversíveis, permite modificação por reorganização de componentes e tem alta capacidade de reconfiguração”. A crescente convergência de tecnologias, de acordo com o autor, são características da sociedade da informação, principalmente a “microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, computadores, mas também e crescentemente, a biologia”.

A sociedade, segundo Castells (2000 apud WERTHEIN, 2000, p. 75), observa atentamente a evolução histórica “do novo paradigma da informação e externando, em cada etapa desse desenvolvimento, suas preocupações reais ou infundadas com as implicações sociais das novas tecnologias”.

Os desafios da sociedade da informação, segundo Castells (2000 apud WERTHEIN, 2000, p. 75) são inúmeros e incluem desde os de caráter técnico e econômico, cultural, social e legal, até os de natureza psicológica e filosófica. Os desafios éticos da sociedade da informação, segundo Leal (1996 apud WERTHEIN, 2000, p. 75) são formulados em termos de uma múltipla perda, ou seja,

“perda de qualificação, associada à automação, e desemprego; de comunicação interpessoal e grupal, transformada pelas novas tecnologias ou mesmo destruída por elas; de privacidade, pela invasão de nosso espaço individual e efeitos da violência visual e poluição acústica; de controle sobre a vida pessoal e o mundo circundante; e do sentido da identidade, associado à profunda intimidação pela crescente complexidade tecnológica”.

2.4 O CONTEXTO DA INFORMAÇÃO

A informação, segundo Le Coadic (2004), é considerada por Shannon e Weaver como uma medida da organização de um sistema, ou seja, a medida da organização de uma mensagem em um caso, também é definida como, segundo Davenport e Prusak (1998 apud SETZER, 2001, p. 7) uma

“mensagem, usualmente na forma de um documento ou de uma comunicação audível ou visível. Como com qualquer mensagem, ela tem um emissor e um receptor. A informação visa mudar a forma com que o receptor percebe algo... A palavra ‘informar’ significava originalmente ‘dar forma a’, e a informação visa moldar a pessoa que a obtém, produzir alguma diferença em seu ponto de vista ou discernimento.”

Le Coadic (2004) destaca que o conceito de informação segundo Von Bertalanfy, consiste na medida de organização de um ser vivo no outro caso. O autor destaca o conceito apresentado por Boltzmann, definindo informação como a medida da ordem das moléculas em um recipiente que contenha um líquido ou um gás. A noção de informação, segundo Morin (1977 apud LE COADIC, 2004) tornou-se camaleônica.

Um conceito que demonstra a multidisciplinaridade e a complexidade em definir o significado de informação, é a de Belkin e Robertson (1976 apud BRAGA, 1995, p. 1), que definem como “aquilo que é capaz de transformar estruturas”.

A informação, segundo Le Coadic (2004, p. 5), é um “conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual, pois comporta um elemento de sentido”. O autor também destaca que a informação é um

“significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.”

Na visão de Shannon (1949 apud BRAGA, 1995, p. 3), a informação “não depende de uma instituição física ou de um suporte material, mas de um emissor, um receptor, um canal – um processo de comunicação – e pode ser quantificada”.

O conceito de Informação segundo Setzer (2001) consiste em uma abstração informal, ou seja, não pode ser formalizada por meio de uma teoria lógica ou matemática representando algo significativo para o indivíduo. Setzer (2001, p. 2) destaca que não é uma definição de informação, mas sim uma caracterização, “porque ‘algo’, ‘significativo’ e ‘alguém’ não estão bem definidos; assumo aqui um entendimento intuitivo (ingênuo) desses termos”.

A informação, segundo Setzer (2001), pode ser a propriedade interior de uma pessoa ou ser pela mesma, pois ao ler um texto, por exemplo, um indivíduo pode absorvê-lo como informação, desde que seja compreendida. O autor destaca que é possível associar a recepção de informação por meio de dados à admissão de uma mensagem, entretanto, a informação pode também ser captada sem que seja representada por intermédio de mensagens.

Por outro lado, Setzer (2001, p. 2) é possível ter uma mensagem que não é manifesta por dados, como por exemplo, um grito através de um ruído vocal, pois pode conter “muita informação, para quem o recebe, mas não contém nenhum dado”.

Quanto ao objetivo da informação, segundo Le Coadic (1994, p. 5) consiste na captação de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, “continua sendo o conhecimento e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura”.

Em informática, segundo Le Coadic (1994, p. 6), é denominado dado “a representação convencional, codificada, de uma informação sob uma forma que permite seu processamento eletrônico”, mas, segundo Setzer (2001, p. 2), o que é

“armazenado na máquina não é a informação, mas a sua representação em forma de dados”, em que pode ser transformada pelo computador, como por exemplo, na formatação de um texto, que consiste em uma transformação sintática.

Os dados, segundo Setzer (2001, p. 2), desde que “inteligíveis, são sempre incorporados por alguém como informação, porque os seres humanos (adultos) buscam constantemente por significação e entendimento”. O autor destaca que a distinção fundamental entre dado e informação, é que o primeiro é tão somente sintático e a segunda abrange a semântica em que está “implícita na palavra ‘significado’ usada em sua caracterização”.

A máquina, segundo Setzer (2001), não pode mudar o significado a partir de um dado, pois depende de uma pessoa que possui a informação. O computador, conforme destacado pelo autor, pode misturar os dados de modo que eles passem a ser ininteligíveis e/ou incompreensíveis pela pessoa que os recebe, deixando de ser informação para o indivíduo.

2.5 O OLHAR SOBRE O CONHECIMENTO

O conhecimento é caracterizado por Setzer (2001, p. 3) como uma “abstração interior, pessoal, de algo que foi experimentado, vivenciado, por alguém”, em que não pode ser descrito, pois o que se relata é a informação e não depende apenas de uma interpretação pessoal, “pois requer uma vivência do objeto do conhecimento”.

O estado de conhecimento do ser sobre determinado assunto, segundo Boulding (1956 apud LE COADIC, 1994), em um determinado momento, é evidenciado por uma estrutura de conceitos ligados pelas relações com a imagem individual do mundo. Belkin (1980 apud LE COADIC, 1994) destaca que quando for constatada uma deficiência dos estados de conhecimento, resulta em um estado anômalo de conhecimento, e como solução, o indivíduo tenta obter uma informação ou informações que consertar a anomalia, se tornando um novo estado de conhecimento.

É destacado por Setzer (2001) que o conhecimento está no âmbito puramente subjetivo do homem ou do animal, parte da diferença entre estes consiste no fato de um ser humano poder estar consciente no próprio conhecimento, tornando possível descrever parcial e conceitualmente em termos de informação. Com base nas afirmações de Setzer (2001), não se pode afirmar que um animal tem informação, mas sim, que possui muito conhecimento.

Como o conhecimento não é sujeito a representações, segundo Setzer (2001, p. 3), não pode ser inserido em um computador, pois o conceito está associado com pragmática, ou seja, está relacionada com “alguma coisa existente no ‘mundo real’ do qual se tem uma experiência direta. (De novo, é assumido aqui um entendimento intuitivo do termo ‘mundo real’.)”.

O conhecimento em si, segundo Nonaka e Takeuchi (2009), é formado por dois componentes diferentes e aparentemente opostos, ou seja, o conhecimento explícito e o conhecimento tácito. Nonaka e Takeuchi (2009, p. 19) definem como conhecimento explícito o que pode ser expresso em “palavras, números ou sons, e compartilhado na forma de dados, fórmulas científicas, recursos visuais, fitas de áudio, especificações de produtos ou manuais”, o conhecimento explícito, segundo Nonaka e Takeuchi (2009), pode ser velozmente transmitido aos indivíduos, formal e sistematicamente.

Quanto o conhecimento tácito, é definido por Nonaka e Takeuchi (2009) como algo que não é facilmente visível e explicável, ou seja, é pessoal e difícil de formalizar, resultando em um processo de comunicação e compartilhamento dificultoso. O conhecimento tácito, segundo os autores, está profundamente interligado nas ações e na “experiência corporal do indivíduo, assim como nos ideais, valores ou emoções que ele incorpora”.

O conhecimento tácito, segundo Nonaka e Takeuchi (2009) também contém uma significativa dimensão cognitiva, pois consiste em “crenças, percepções, ideais, valores, emoções e modelos mentais tão inseridos em nós que os consideramos naturais”. Os autores destacam que, embora não possa ser estruturada com facilidade, a dimensão cognitiva do conhecimento molda a forma como o mundo é percebido pelo indivíduo.

2.6 DIREITO DA INFORMAÇÃO

O conceito de direito, segundo Mayer-Maly (1993, p. 5 apud REICHMANN, 2001, p. 153) é herdado da jurisprudência romana que consiste na “arte do que é bom e adequado”. De acordo com Reichmann (2001, p. 153), fixa comportamentos proibidos e permitidos, “e o faz, de forma unívoca e obrigatória”.

Em relação ao direito da informação, segundo Reichmann (2001, p. 153), não é uma “matéria jurídica delimitada e institucionalizada [...] nem sequer aparece no uso corrente da linguagem jurídica”, mas é possível abordar a abrangência das legislações relacionadas à informação, como por exemplo, Reichmann (2001, p. 157) destaca as

“matérias jurídicas do direito de proteção a dados pessoais, do direito criminal de informática, do direito autoral e do direito de imprensa e comunicação, [...] então resulta de tudo isso o seguinte quadro, em vista da divisão do direito, [...] o direito a dados pessoais e o direito de imprensa e telecomunicação são partes do direito administrativo especial; o direito criminal de informática, junto com a lei de interdição e a lei sobre pornografia pertencem ao direito penal; e o direito autoral; como um direito sobre bens intelectuais, deve ser classificado como direito privado especial”.

2.7 INFOÉTICA

Nos Estados Unidos, segundo Froehlich (2005), o campo da ética da informação teve uma história evolutiva de 20 anos, reunindo as vertentes da biblioteconomia no início e depois da ética da computação. O autor destaca que Robert Hauptman, por exemplo, escreveu vários trabalhos e artigos sobre questões éticas na biblioteconomia. Este trabalho, segundo Froehlich (2005), abordou os seguintes problemas: Censura, privacidade, acesso à informação, direitos autorais, códigos de ética, patronos problemáticos, dentre outros. No entanto, segundo o autor, não existiam cursos cuja preocupação eram as questões éticas no campo da biblioteconomia e da ciência da informação. Quando os cursos exclusivamente dedicados à ética surgiram na América, Froehlich (2005) destaca que eles se afastaram de dúvidas voltadas para a biblioteconomia, pois havia uma preocupação mais ampla com as questões éticas em ciência da informação, tecnologia da

informação e informação na sociedade. Mesmo em seu início, segundo o autor, a preocupação com a ética da informação se espalhou para outras áreas, como a computação, os sistemas de informação, os sistemas de informação de gestão e política de informação.

Os pesquisadores que primeiro usaram o termo “ética da informação”, segundo Froehlich (2005), foram Robert Hauptman que começou o “Revista de ética da informação” (FROELICH, 2005, tradução nossa) em 1992 e Rafael Capurro que escreveu um artigo em alemão em 1988 denominado “ethos da informação e ética da informação” (FROELICH, 2005, tradução nossa).

Em 1980, segundo o autor, Barbara J. Kostrewski e Charles Oppenheim escreveram um artigo intitulado “Ética em Ciência da Informação” para o “Jornal de Ciência da Informação” (FROELICH, 2005, tradução nossa), onde foram discutidas questões como a confidencialidade da informação, a qualidade dos dados fornecidos pelos fornecedores on-line, a utilização de instalações de trabalho, dentre outros.

Uma das primeiras escolas a oferecer um curso regular sobre as preocupações éticas dos profissionais da informação, segundo Froehlich (2005), foi a Universidade de Pittsburgh, a escola de ciências da Informação, segundo Feather e Sturges (2003) foi inaugurada em 1989, onde ocorreram palestras sobre ética da informação, sob a direção dos Professores Stephen Alamagno e Dean Toni Carbo. Em 1990, segundo Froehlich (2005), eles ofereceram um curso de mestrado em Ética da Informação. O autor destaca que na mesma época, a Universidade do estado de Kent ofereceu um curso de mestrado sobre “as preocupações éticas para os profissionais da informação” e a *Simmons College*, segundo Froehlich (2005), ofereceu um curso sobre “ética organizacional / da informação”.

À medida que os anos progrediram, Froehlich (2005) destaca que o termo ética da informação também foi adotado pelos professores nas escolas de ciência da computação. Dependendo da instituição acadêmica nos Estados Unidos, segundo o autor, muitos departamentos de Ciência da Computação se concentraram nas dimensões teóricas da ciência da computação, enquanto outros incluíram as dimensões aplicadas. Muitos desses departamentos, segundo Froehlich (2005) são chamados de “Informática e Ciência da Informação”, nesta área, em 1955, foi lançado o livro “os princípios da ética da informação”, do autor Richard James Severson.

Desde 1997, segundo Capurro (2001, p. 79), a UNESCO “oferece um ‘Virtual Forum-INFOethics’ (VF-INFOethics) [...] sob coordenação do Instituto de Ciências da Informação da Universidade de Konstanz (Prof. Dr. Rainer Kuhlen)”.

Quanto a pesquisa nacional, é necessário destacar a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), que por meio dos Grupos de trabalho, em especial o número 5, estudam políticas e economia da informação, resultando em pesquisas não somente na área de infoética, mas também sobre direito à informação, ética na tecnologia, dentre outras temáticas. O Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal Fluminense, segundo Gonzalez de Gomes *et al* (2016, p. 4) elabora oficinas cujos temas são “Integridade da pesquisa”, “ética da ciência” e “regimes de informação”, pois têm como ponto de partida

“estudos e pesquisas em torno de questões da valoração e validade de ações e recursos de informação. As atividades de pesquisa, incluídas as oficinas, são desenvolvidas pelo grupo Infoética - Estudos em Epistemologia, Ética e Política de Informação, [...] desde 2014”.

O aumento expressivo dos fluxos de comércio internacional, facilitados por tecnologias de processamento de informação e de comunicação, segundo Robertson *et al* (2002 apud ALMEIDA, 2004), “tornou a dimensão ética da atividade empresarial uma das principais preocupações de gestores, políticos, pesquisadores e da sociedade em geral”. Quanto à importância da ética para a organização, Almeida (2004) destaca que

“A adoção de uma conduta baseada em princípios morais que respeitem o ambiente e os valores da comunidade envolvente é uma exigência incontornável das sociedades contemporâneas que os responsáveis organizacionais não podem ignorar.”

Através da infoética, segundo Smith (1989), é possível oferecer insights e métodos para entender os problemas que os líderes nas profissões de informação enfrentam. A autora destaca que, como agentes morais (autos éticos), que assumem a responsabilidade em suas vidas pessoais, privadas, profissionais e públicas, determinam a decisão de um profissional da informação em casos conflitantes.

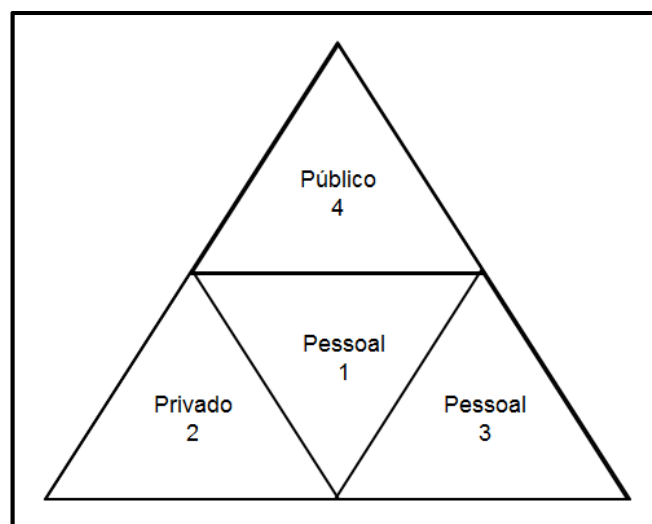
Em relação ao local de trabalho, segundo Smith (1989), eles negociam entre os ideais e realidades de suas instituições e da profissão na tomada de decisões. Em relação ao ambiente de informação global, a autora destaca que os líderes serão

necessários na utilização das ferramentas de análise ética para a definição de políticas.

Quanto ao agente moral, é destacado por Floridi (2002) que o primeiro passo para determinar uma aproximação informacional do conceito, é a análise de uma ação moral como um sistema dinâmico decorrente da interação de sete componentes principais, descritos pelo autor como: o agente, o paciente, suas interações, o quadro geral de informações do agente, a informação factual sobre a situação que é está parcialmente disponível para o agente, o ambiente geral em que o agente e o paciente estão localizados e a situação específica em que a interação ocorre.

Segundo Smith (1989), o modelo apresentado na Figura 1, consiste em um meio de compreensão dos diversos “papéis” que um profissional que trabalha com informação atua. De acordo com a autora, apresenta a parte individual e organizacional/profissional como um amplo ambiente informacional, definindo cada indivíduo como um agente moral. Segundo Capurro (2005), o especialista em informação tem uma responsabilidade moral em relação aos usuários em um nível micro (indivíduos), meso (instituições) e macro (sociedade).

FIGURA 1 - O SER ÉTICO.



FONTE: Adaptada de Smith (1989).

No campo da informação, a ética está associada ao conhecimento e aos dados que uma organização processa, devem ser observados os conceitos destacados por Mason e Collins (1986), ou seja, a privacidade, acessibilidade,

acurácia e propriedade. Segundo os autores, a empresa deve se preocupar com o usuário e o emissor, estabelecendo métricas de análise comportamental, resultando na identificação dos impactos e/ou motivos relacionados a uma determinada ação.

Em relação aos assuntos abordados pela ciência da Informação, Demac (1988 apud SMITH, 1989), destaca as questões referentes à ética como a censura, as ameaças à privacidade destacadas por Gerhardt (1990 apud SMITH, 1989), os serviços de referência descritos por Hardy (1990 apud SMITH, 1989), as relações de fornecedor referidas por Sugnet (1986 apud SMITH, 1989), as questões de capital próprio relatadas por Doctor (1991 apud SMITH, 1989) e o acesso À informações do governo mencionada por Schmidt (1989 apud SMITH, 1989). Segundo Jonas (1984 apud SMITH, 1989), também foram abordadas questões como a definição de áreas de responsabilidade para as tecnologias eletrônicas e de acordo com Pool (1983 apud SMITH, 1989) estabelecida a liberdade em um novo ambiente, também foram temas de investigação no campo da ética.

2.8 RAFAEL CAPURRO: REFERENCIAL TEÓRICO

Quanto ao filósofo selecionado como foco da pesquisa, segundo Matheus (2005), a formação acadêmica de Rafael Capurro influencia na abordagem da ciência da informação, "em especial sua proposta de embasamento teórico para a área a partir da hermenêutica". Segundo o autor, Rafael Capurro é uruguaio, nascido em 1945, em Montevideu, cuja licenciatura em filosofia, concluiu em 1970, na Universidade de Salvador, localizada em Buenos Aires, na Argentina.

É destacado por Capurro (2004 apud MATHEUS, 2005) que Capurro é graduado em Documentação, cuja conclusão foi em 1973, no Instituto de Documentação de Frankfurt, na Alemanha. Em 1978, segundo Matheus (2005, p. 142), Rafael Capurro concluiu o doutorado em Filosofia, pela Universidade de Düsseldorf, com a "tese denominada Informação" (CAPURRO E MATHEUS, 2005, p. 142, tradução nossa). Segundo Capurro (1986 apud MATHEUS, 2005, p. 142), em 1989, o título de pós-doutorado em Filosofia Prática foi emitido pela Universidade de Stuttgart, em função do trabalho intitulado "Hermenêutico da informação científica" (CAPURRO E MATHEUS, 2005, tradução nossa). A pós-graduação, segundo Capurro

e Matheus (2005, p. 142), juntou os interesses básicos de Rafael Capurro nas áreas de filosofia e de documentação,

"mas foi conduzida em escolas de filosofia, abordando temas relativos à CI e às questões éticas e tecnológicas que relacionam a informação à sociedade contemporânea. Seus interesses em ética e na sociedade também estão provavelmente ligados aos oito anos nos quais foi membro da ordem jesuíta, onde estudou filosofia e humanidades".

Quanto às áreas de atuação profissional, Matheus (2005) destaca que Capurro, como docente e pesquisador, alinha a ética com os impactos gerados pela informação e a tecnologia na sociedade atual.

Segundo Capurro (2005), a infoética é considerada como uma teoria descritiva e emancipatória, por abordar o desenvolvimento de valores morais e a criação de estruturas de poder no campo da informação, os mitos da informação, as contradições e intencionalidades escondidas nas teorias e práticas informacionais e o desenvolvimento de conflitos éticos no campo informacional.

No intuito de questionar a ética nos processos de produção, coleta, classificação, acesso e difusão da informação, Capurro (2005), destaca que a proteção da propriedade intelectual, cujo conceito varia segundo a tradição, ou seja, a europeia, segundo o autor, enfatiza os direitos morais dos autores, pois estão relacionados com a pessoa do autor e dizem respeito à integridade e autoria do seu trabalho, bem como à sua reputação.

Em relação à tradição anglo-americana, segundo Capurro (2005) enfatiza os direitos patrimoniais ou econômicos, pois estes direitos podem ser transferidos e a asiática, considera a cópia como uma questão de emulação do mestre.

Quanto à coleta e classificação, segundo Capurro (2005), estão relacionadas à censura e controle, pois as respostas para estas questões variam de acordo com interesses do poder político, econômico, religioso e/ou militar. Tendo em vista que, segundo o autor, a cultura e questões culturais são importantes para considerar o que é ofensivo.

A distinção entre censura e seleção é destacada por Capurro (2005), em que o primeiro consiste na exclusão ativa de informação baseada na religião, política, moral ou outro meio. Quanto ao segundo, é descrito pelo autor como a atividade de seleção da informação de acordo com os objetivos de uma instituição.

Em ambos os casos, Capurro (2005), recomenda evitar a limitação ou exclusão da liberdade intelectual, o autor recomenda o uso de Códigos de Ética, bem como declarações e acordos internacionais, pois podem ajudar contrapressões arbitrárias de censura e seleção.

As questões éticas no acesso e disseminação da informação, segundo Capurro (2005), estão relacionadas aos problemas de acesso público, com problemas nos serviços de acesso e de referência /corretagem e o direito (humano) de comunicação. O autor é congruente com Froelich (1997) e destaca que a informação é, em muitos casos, produto de trabalho e tem um valor econômico que deve ser protegido, questionando para quem a informação é destinada, se deve ser gratuita ou não e a educação do usuário.

Quanto à questão social, Capurro (2005) destaca que relacionada ao problema da criação de oportunidades iguais de acesso a informação para as nações ou grupos de nações, evitando, segundo o autor, uma lacuna entre sociedades ricas e pobres de informação.

A questão dos serviços de referência / corretagem, segundo Capurro (2005) pode ser estudada no que diz respeito aos serviços institucionalizados, bem como uma questão relativa aos usuários finais.

O autor destaca que os profissionais da informação devem informar seus usuários sobre os limites de suas fontes e métodos. Quanto à questão da desinformação ou malversação de informações, Capurro (2005) destaca que podem causar dano financeiro no usuário. Outro aspecto na ética da informação destacada por Capurro (2014, p. 8) é a privacidade, que é definida a liberdade de

“ocultar-se ou revelar-se de sujeitos contingentes e livres não é idêntico ao de secreto, o qual pode referir-se a algo que pertence a uma instituição, um organismo, um estado, uma companhia... e não necessariamente à existência humana”.

3 METODOLOGIA UTILIZADA

Quanto a metodologia, que segundo Gil (2002) “descreve os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Sua organização varia de acordo com as

peculiaridades de cada pesquisa”. Quanto ao objetivo, é considerada uma pesquisa exploratória, que de acordo com Gil (2002, p. 41), consiste em

“proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”.

Em relação ao procedimento, é realizada uma pesquisa bibliográfica, pois segundo Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. É realizado um estudo de caso, que segundo Gil (2002, p. 54), consiste no

“estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados uma pesquisa sobre uma instituição privada.”

Como etapa inicial, são coletados os dados referentes à instituição de ensino pesquisada para análise do local e cálculo da amostra. Em seguida, são questionados por meio de perguntas abertas (resposta escrita pelo pesquisado) e fechadas (múltipla escolha) os professores, cumprindo a quantidade mínima proposta pela amostragem calculada e verificada segundo os preceitos éticos propostos por Capurro em relação à mensagem. Serão obtidos os dados e comentados com o coordenador do curso para compreensão do contexto e do conteúdo abordado. Também foi utilizado como método para coleta de dados, a entrevista ao coordenador do curso para análise e interpretação das informações, onde serão destacadas resumidamente no projeto.

3.1 ANÁLISE DO OBJETO DE PESQUISA

Segundo informações do *website* da Universidade Positivo (www.up.edu.br), o Grupo Positivo conta com quarenta anos de experiência na área da educação. Iniciou suas atividades em meados de 1972. A Faculdade Positivo, por sua vez iniciou seus trabalhos em 1988, com somente cinco cursos de graduação e um curso de mestrado na área de administração, este como interestadual, pois foi desenvolvido um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 1998, de faculdade, a instituição transformou-se em Centro Universitário Positivo, oferecendo 18 cursos de graduação e 10 de especialização. Por meio do Parecer 329 (1989) do Conselho Estadual de Educação, foi autorizada a transformação do Centro de Estudos Superiores Positivo em Universidade Positivo. Segundo o documento, a justificativa apresentada afirmava que as duas organizações, o Centro Universitário Positivo e a Faculdade de Ciências Administrativas e Comércio Exterior do Paraná possuíam a mesma diretoria desde Junho de 1987, como também os “objetivos e finalidades idênticos, sendo intenção desta Diretoria promover a integração, de ambas, conforme preconiza o art. 8º e seu parágrafo único da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968”, extinguindo a Faculdade de Ciências Administrativas e Comércio Exterior do Paraná.

Em 2008, após a instituição cumprir os requisitos propostos pelo Ministério da Educação, foi transformado o Centro Universitário Positivo (UnicenP) em Universidade Positivo. A missão, segundo o *website* da instituição, é “construir e disseminar conhecimento, através do ensino, pesquisa e extensão, no intuito de formar profissionais cujo comprometimento seja com o saber e com a sociedade, ou seja, através da ética, trabalho e progresso (pessoal, econômico e social), objetivando o desenvolvimento de um homem e um mundo melhor”.

Entre os produtos e serviços oferecidos pela instituição estão: a transmissão de conhecimento segundo áreas específicas, por meio de profissionais qualificados para comunicar e auxiliar no processo de aprendizado. São oferecidas atividades, como convênio com psicólogos (as) graduados (as) na universidade, consultas com enfermeiros ou dentistas, dentre outros. Assim, estimula o aprendizado e oferece um retorno para a sociedade, demonstrando qualidade no que é ensinado e o nível de profissional que a empresa capacita (“abrindo portas” para novas oportunidades).

O conhecimento transmitido varia segundo a área de conhecimento e nível (extensão, graduação, especialização *Latu Sensu* ou *Strictu Sensu*) e a modalidade, tendo em vista que a instituição oferece cursos à distância e presenciais.

São disponibilizados produtos e serviços para a comunidade em geral, por meio dos atendimentos nas clínicas de odontologia, nutrição e psicologia, e também por dos cursos de extensão, graduação e especialização. São considerados clientes, as

empresas conveniadas, pois por meio de eventos, oportunidades de estágio (através de informativos ou da feira que ocorre anualmente na Universidade) e cursos *in company*, ou seja, dentro da empresa ou na instituição, mas com enfoque específico na organização.

A estrutura organizacional da Universidade Positivo está em transição, partindo do modelo hierárquico para o matricial, resultando numa melhor comunicação entre as áreas e os setores como prestadores de serviço.

As metas de 2016 para 2017 da Universidade Positivo consistem na consolidação dos campuses inaugurados em 2015 e 2016 e a matrícula de novos alunos nas modalidades presencial, semipresencial à distância.

No curso de enfermagem da Universidade Positivo, segundo o *website* da instituição, conta com a duração de 4000 horas, 28 disciplinas no período matutino e 29 no noturno. Nos últimos anos do curso, de acordo com o *website* da instituição, os alunos desempenham 800 horas de estágio supervisionado em estruturas de saúde, tais como Unidades de Saúde, Centros de Urgência e Emergência, Hospital da Cruz Vermelha, Hospital Bom Retiro, Asilo São Vicente de Paulo e Hospital Erasto Gaertner.

Atualmente lecionam na graduação em enfermagem um valor aproximado de 26 professores, é fundamental calcular a quantidade de amostra, tendo em vista o período de finalização da pesquisa, recursos e a transitividade dos professores na instituição, existindo casos de aulas anuais com determinada pessoa (no mesmo horário de outro docente na mesma situação).

3.1.1 Amostra

Em um levantamento de dados, de acordo com Gil (2002), não são pesquisados todos os componentes da população estudada. Antes, segundo Gil (2002, p.51) são selecionados procedimentos

“estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas com base nessa amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos”.

A amostra, segundo Viali (2010), consiste na utilização de uma parcela da população para estabelecer uma estimativa. Mas, conforme destacado pelo autor, é complexo por apresentar uma margem de erro, demonstrando uma possibilidade (por mais que mínima) de diferença da estimativa em relação ao real.

O conceito de margem de erro, segundo Ochoa (2013), é o intervalo no qual é objetivado encontrar o dado que é necessário para medir o universo desejado. Quanto ao nível de confiança, o autor explica que é a certeza de que o dado buscado é realmente o que está dentro da margem de erro. Estes elementos são fundamentais para cálculo da amostra, tendo em vista a figura 3.

FIGURA 2: FÓRMULA PARA CÁLCULO DA AMOSTRA.

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}{(N-1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}$$

FONTE: Ochoa (2013).

Onde as variáveis, destacadas pelo autor, são: n representando o tamanho da amostra, N definindo o tamanho do universo (total de elementos) e Z como desvio do valor médio aceitado para alcance do nível de confiança objetivado. Para isso, foi utilizada como base a distribuição de Gauss, conforme o Quadro 1, onde o grau selecionado representa na fórmula o valor de Z. Quanto à variável e, representa, segundo Ochoa (2013), a margem de erro máxima admitida e o p, é definida como a proporção em que se deseja encontrar.

São considerados para cálculo segundo a Figura 3 os professores, docentes contratados pela instituição, seja profissional da instituição, ou seja, que leciona em outros setores da organização, ou de modo específico para um determinado módulo. Para cálculo da amostra, foi definido uma população de 26 professores, com um erro amostral de 18% e 90% para o nível de confiança.

QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO DE GAUSS.

Confiança desejada	"Z"
90%	1,64
95%	1,96
99%	2,58

FONTE: Ochoa, 2013.

Foi obtido como resultado do cálculo uma amostra de 12 professores, ou seja, este é o total de elementos necessários para estabelecimento de uma avaliação dos docentes do curso.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: questionário e entrevistas.

a) Questionário

No intuito de obter uma base para afirmação ou negação da hipótese, foi definido como método de pesquisa quantitativa o questionário, que segundo Pfleeger e Kitchenham (2001 apud WAINER, 2007, p. 15), define como

"um conjunto de perguntas com respostas predefinidas ou perguntas de resposta fechada (*closed questions*), que são respondidas, ou pelos próprios sujeitos da pesquisa (questionários auto-aplicados), ou por observadores que estão avaliando os sujeitos."

O uso do método, segundo Danton (2002, p. 12), necessita que o pesquisador saiba "exatamente o que procura, o objetivo de cada questão; o informante deve compreender perfeitamente as questões, portanto, cuidado com o repertório do informante; o questionário deve seguir uma estrutura lógica".

Algumas das principais vantagens de um questionário, segundo Belei *et al* (2008, p. 7), é que não é obrigatório a presença do pesquisador para que o informante responda às questões. Além disso, segundo o autor, o questionário consegue

"atingir várias pessoas ao mesmo tempo obtendo um grande número de dados, podendo abranger uma área geográfica mais ampla se for este o

objetivo da pesquisa. Ele garante também uma maior liberdade das respostas em razão do anonimato, evitando vieses potenciais do entrevistador. Geralmente, através do questionário, obtêm-se respostas rápidas e precisas”.

É fundamental que seja progressivo (do mais simples ao mais complexo), conter uma questão por vez e ter linguagem clara. Segundo Danton (2002), antes de aplicar o questionário é sempre aconselhável testá-lo antes para verificar se não é necessário fazer alterações nas questões.

O método é utilizado para análise do perfil dos professores, de modo que auxilie, em conjunto com os dados relacionados aos alunos quanto ao conhecimento em relação à ética da informação e também os meios de preservação e manutenção da mesma.

Serão perguntas abertas e fechadas, cujas respostas são analisadas e estabelecido um resumo ou média, de modo que seja possível elaborar o perfil ético da instituição. Para isso, foi utilizada como ferramenta a *Query*, desenvolvida pela empresa *Qualtrics*, pois além de elaborar o questionário, possibilita o cruzamento de dados e análises dos resultados (por meio de pesquisas e métodos fornecidos pela ferramenta). O *Query* será utilizado tanto para elaboração e estruturação das perguntas quanto para mensuração e tabulação das respostas obtidas em que serão destacadas as seguintes questões.

No intuito de manter a confidencialidade, as perguntas e respostas não serão associadas aos nomes das listas, ou seja, saberá quem participou da pesquisa, mas não o que preencheu. Também foi observado o aspecto legal, estabelecendo um modelo de autorização (vide anexo) para a coordenadora da graduação presencial em enfermagem geral e uma versão resumida no questionário (ver apêndice 1). Como meio de observação das áreas do conhecimento com as respostas obtidas, foi elaborado um campo para preenchimento da disciplina em que o questionado leciona.

b) Entrevista

A entrevista, segundo Haguette (1997 apud BONI e QUARESMA, 2005), consiste em um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas,

o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A entrevista também é definida, segundo ROSA e ARNOLDI (2006, p. 17 apud JÚNIOR e JÚNIOR, 2011, p. 239), como “uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo”. Também é necessário destacar o conceito de entrevista atribuído por Ribeiro (2008 p.141 apud JÚNIOR e JÚNIOR, 2011, p. 239), que consiste na

“técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. Sabe-se através de leituras históricas que a entrevista nem sempre foi vista da mesma forma”.

Segundo Gil (1999 apud JÚNIOR e JÚNIOR, 2011, p. 240), as entrevistas são classificadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas. O tipo de entrevista informal, segundo o autor, é o

“menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. É recomendado nos estudos exploratórios, que visam a abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado.”

A entrevista focalizada, segundo Júnior e Júnior (2011) é tão livre quanto a informal, porém, é focado em um tema bem específico, permitindo que o entrevistado fale livremente sobre o conteúdo abordado, mas com o esforço do entrevistador para retomar o foco no tema, caso haja desvio de assunto do diálogo. Quanto a entrevista por pautas, Júnior e Júnior (2011, p. 240) destacam que apresenta certo grau de estruturação, já que é guiada por “uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”, o entrevistador faz poucas perguntas diretas, permitindo que o entrevistado fale livremente, à medida que reporta às pautas assinaladas, que segundo o autor, devem ser ordenadas e indicar certa relação entre si. No caso da entrevista estruturada, ou formalizada, Júnior e Júnior (2011, p. 240) destacam que se desenvolve a partir de uma

“relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que geralmente, são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais.”

As entrevistas estruturadas, segundo Boni e Quaresma (2005, p. 73), são elaboradas por meio de um questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela

onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo, segundo Lodi (1974 apud LAKATOS, 1996 apud BONI E QUARESMA, 2005, p. 74) é a possibilidade de “comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas.”

Dentro dos conceitos descritos por Gil (1999 apud JÚNIOR e JÚNIOR, 2011), Boni e Quaresma (2005, 72 p.) destaca a utilização e definição de métodos específicos, como a entrevista projetiva, que segundo o autor, “é aquela centrada em técnicas visuais, isto é, a utilização de recursos visuais onde o entrevistador pode mostrar: cartões, fotos, filmes, etc ao informante”. Esta técnica, segundo Honnigmann (1954 apud MINAYO, 1993 apud BONI E QUARESMA, 2005, p. 70), permite evitar respostas diretas e é utilizada para aprofundar informações sobre determinado grupo ou local.

Outro método de entrevista destacado por Minayo (1993 apud BONI E QUARESMA, 2005, p. 73) é a história de vida que consiste em uma

“entrevista em profundidade na qual o pesquisador constantemente interage com o informante. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. Existem dois tipos de HV: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida e a tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão”

As entrevistas com grupos focais, também destacado por Belei *et al* (2008), consiste em uma técnica de coleta de dados cujo objetivo principal é estimular os participantes a discutirem sobre um assunto de interesse comum e de interesse do entrevistador, é um debate aberto sobre um tema. No método de entrevista em grupos focais, segundo Bauer e Gaskell (2002 apud BONI E QUARESMA, 2005, p. 73), os participantes “levam em conta os pontos de vista dos outros para a formulação de suas respostas e também podem tecer comentários sobre suas experiências e a dos outros”.

A técnica de entrevistas abertas, destacado por Boni e Quaresma (2005, p. 74), é utilizada “para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados”. Em relação à estruturação, segundo os autores, o entrevistador

“introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal. A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante”.

A entrevista aberta, segundo Boni e Quaresma (2005, p. 74), é utilizada quando o “pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão”. Também é utilizada geralmente, conforme Minayo (1993 apud BONI E QUARESMA, 2005, p. 74), na “descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos”.

Quanto à coleta de dados, foi entrevistada a coordenadora da graduação em Enfermagem, na sala da mesma, em que será questionada conforme autorizado (ver anexo), no dia 08/11/2017, às 16:00 horas, onde as perguntas foram feitas com base em um roteiro (ver apêndice 2).

3.3 APRESENTAÇÃO, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos durante a pesquisa de forma descritiva conforme a ordem das perguntas do questionário, onde a questão 1 visa analisar o conceito segundo diferentes áreas do saber e também o nível de conhecimento do entrevistado em relação ao tema, a resposta variou entre “Sim” e “Não”. Para o preenchimento da justificativa para a escolha da primeira opção, foi separada a questão número dois, para facilitar a seleção e não induzir a resposta para o “Não”, por proporcionar uma maior facilidade na finalização do questionário. Com as respostas dos questionários (gráfico 1), foi observado que a maioria dos professores indicaram saber o que é infoética, porém, com base nas respostas escritas (ver apêndice 3) foi possível afirmar que 90% das respostas focaram na ética quanto ao uso e disseminação da informação, destacando a autorização do usuário, respeito aos princípios éticos e direitos individuais na divulgação de dados, ou seja, é uma abordagem limitada do conceito, tendo em vista que, segundo Capurro (2005), consiste também no armazenamento e coleta de informação.

Quanto a questão 2, foi objetivada a análise do conceito de ética da informação sobre diversos pontos de vista e áreas do conhecimento. Também serviu como meio de mensurar o que os profissionais sabem sobre o tema (aplicando à instituição). Para preenchimento, foi aberta uma caixa de texto, sem linhas (formato disponibilizado pelo *software*). Em relação às respostas, foi observado que 20% dos questionados definem que infoética está limitada à tecnologia, ou seja, uma abordagem errônea, pois determina apenas um campo em que o conceito é aplicado, tendo em vista que Capurro (2005) define que além da tecnologia, a ética da informação também aborda os indivíduos, as instituições e a sociedade.

GRÁFICO 1: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 1.



FONTE: Qualtrics (2017).

A pergunta 3 visa associar a avaliação dos alunos em relação à recepção da mensagem emitida pelo professor, a resposta é focada em porcentagem e aplicadas ao indivíduo, ou seja, quanto do conteúdo passado foi compreendido pelo aluno. Este meio serve para analisar a didática e método utilizado para ensino, como opção serão somente quatro, de 0 a 100%. Esta média associada com o resultado das perguntas posteriores gera uma noção do motivo de informar uma média baixa ou alta das notas. Quanto às médias do rendimento acadêmico nas disciplinas, foi observado que 39%

estão acima, 46% abaixo e 15% das notas estão no valor mínimo para aprovação que segundo a UP é 60 e a média geral do curso é 63,92% (quadro 2), demonstrando uma necessidade de observação da metodologia de ensino e/ou conteúdo abordado.

QUADRO 2: DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE AS RESPOSTAS DA QUESTÃO 3.

Porcentagem mínima	Porcentagem máxima	Média
40.00	85.00	63.92

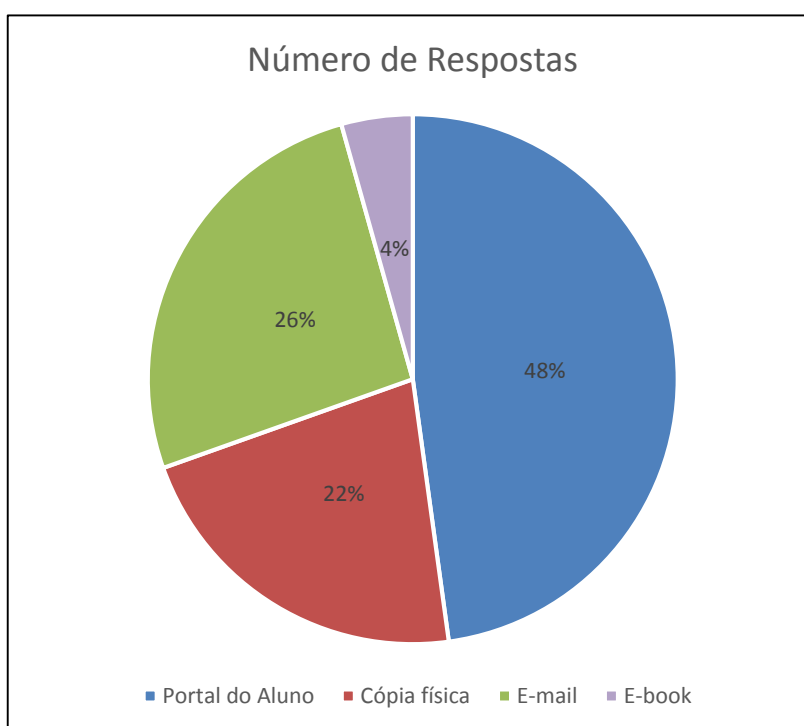
FONTE: Qualtrics (2017).

No intuito de verificar a privacidade, termo levantado por Capurro (2005) como componente da ética da informação, é fundamental a análise do que é lecionado e se interfere ou expõe a privacidade do aluno, auxiliando na compreensão da nota atribuída ao professor por parte da classe, para isso, foi definida como resposta das questão 4, e 5 o estabelecimento de uma caixa para preenchimento, tendo em vista as diferentes áreas do conhecimento abordadas (em relação aos professores), as perguntas 4 e 5 objetivaram analisar a maneira em que o lado pessoal do aluno é abordado na sala de aula e se, este lado é respeitado e/ou abordado de forma anônima, garantindo a privacidade usuário final da informação disseminada. Em relação à privacidade do discente (ver apêndice 3), é garantida por meio da confidencialidade e sigilo, em quem 20% dos professores recomendam encaminhar para os profissionais autorizados para auxiliar o discente. Demonstrando que a privacidade é garantida, porém, em sua maioria, não são encaminhados para um especialista na área, pelo contrário, a maioria dos questionados recomendaram tratar por meio de uma comunicação extraclasse entre discente e docente. Também foi observado no questionário, quanto à exposição da privacidade do discente na sala de aula destacada na questão 6, que os docentes não abordam em sala de aula, preferem que questões pessoais sejam de maneira privada, segundo as normas da instituição e orientar na busca de serviços que possam auxiliar na solução do problema apresentado.

A questão 6 visa ser fechada, ou seja, com opções pré-determinadas, no intuito de analisar o método de disseminação de materiais externos, ou seja, Portal do Aluno, cópia física, e-mail ou e-book. Com isso é verificado, se não há plágio, ou se está de acordo com a ABNT (2002), *Vancouver* ou APA, é fundamental a referência do

material utilizado, tendo em vista que é destacada a propriedade intelectual e evita processos judiciais. Também é focado no meio em que os materiais são disseminados, se eletrônico e/ou físico, facilitando a análise da preferência de uso dos professores. Quanto ao aproveitamento do conteúdo (gráfico 2), foi indicada uma média de 63.92 para o curso, ou seja, 78,27% do conteúdo digital, com uma preferência pelo Portal do Aluno, ferramenta disponibilizada pela universidade.

GRÁFICO 2: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 6.



FONTE: Qualtrics, 2017.

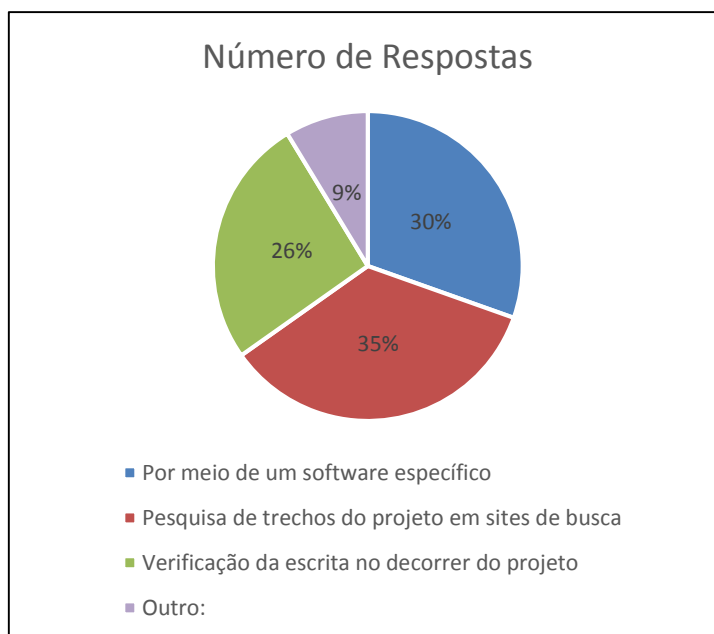
Quanto à pergunta 7, visa a análise dos meios de arquivamento e utilização do material elaborado pelos alunos, se foi acrescentada em uma determinada pesquisa desenvolvida pelo avaliador. O foco deste questionamento está no autor da obra, se ele é informado sobre as intenções do professor em relação ao projeto. Em relação ao destino dos projetos acadêmicos desenvolvidos durante a disciplina (ver apêndice 4), os questionados apontaram que solicitam a autorização do aluno para uso após a avaliação, ou seja, a propriedade intelectual é considerada pelos discentes.

A questão 8 visa verificar qual a ação do professor no caso de identificação do potencial científico em um projeto e consequentemente as medidas utilizadas para respeitar a propriedade intelectual do aluno. Com base nas respostas foram observados que os projetos são armazenados, 16% dos professores devolvem os projetos, 8% guardam para uma nova utilização e 8% apenas apontaram que a atividade é esquecida tanto pelo discente quanto pelo docente.

Em relação ao formato que o projeto é entregue ao professor, foi elaborada a questão 9, que visa a análise do formato dos arquivos que são aceitos, tendo em vista a possibilidade de alteração proporcionadas pelos documentos editáveis (.doc por exemplo) e também os modelos definidos, se seguem um padrão institucional ou as normas da ABNT. Por meio do resultado (ver apêndice 4), foi possível observar que os questionados solicitam a formatação dos trabalhos nas normas institucionais ou da ABNT e 20% informam sobre o uso obrigatório de fontes científicas pertinentes à disciplina, ou seja, a minoria dos professores destacou não somente a disseminação, mas também a coleta de informação.

Quanto ao plágio, foram verificados os meios para identificação de cópia indevida ou não referenciada nos projetos de pesquisa, para isso, foi elaborada uma pergunta fechada, cujas opções identificam se o plágio é rastreado por meio de um software específico, pesquisa de trechos do projeto em sites de busca, verificação da escrita no decorrer do projeto ou outro método que o professor utiliza. Foi observado no resultado da questão 10 (gráfico 3), em que os questionados informaram que utilizam sistemas para localização de plágio, com exceção de dois professores que não solicitam a elaboração de projetos acadêmicos.

GRÁFICO 3: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 10.



FONTE: Qualtrics, 2017.

A questão 11 visa a análise do conteúdo ministrado no decorrer da aula, por meio de uma pergunta fechada, é possível identificar se as informações são devidamente referenciadas, ou seja, se são todas as fontes, somente de autoria externa em relação ao professor, as exceções, que são destacadas pelo questionado ou nenhuma. Foi observado por intermédio do resultado da questão 11 (gráfico 4), que 91,67% dos docentes informaram somente identificar fontes externas ao professor, exceto a prática baseada em evidência, onde existe um cuidado para que as principais informações da disciplina sejam fundamentadas.

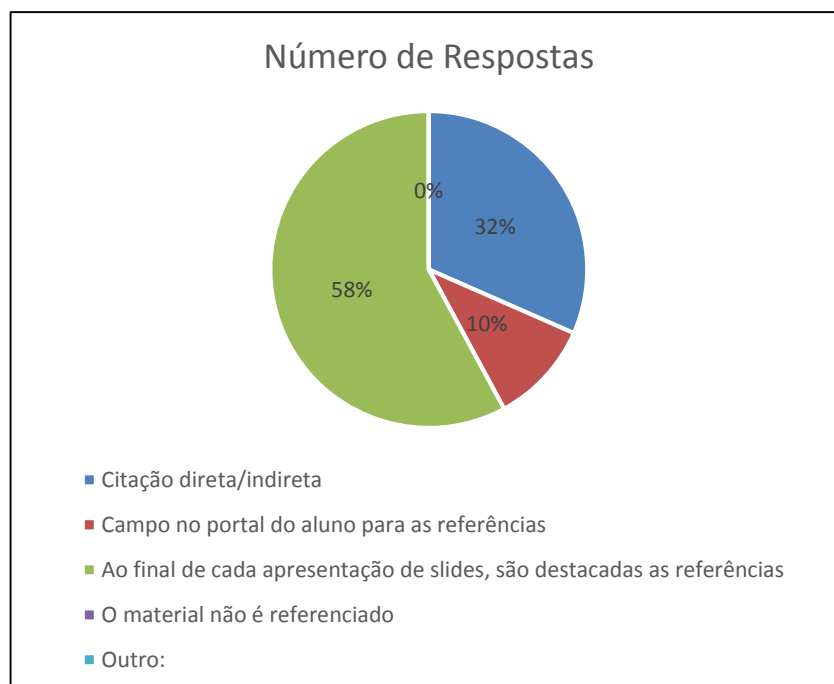
GRÁFICO 4: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 11.



FONTE: Qualtrics, 2017.

No intuito de verificar o modo em que o professor referencia as fontes utilizadas, foi definida a questão 13, em que é verificado se a propriedade intelectual é respeitada segundo as normas da ABNT, se é feita por intermédio de citação direta/indireta, campo no portal do aluno para as referências, ao final de cada apresentação de slides, são destacadas as referências, se o material não é referenciado ou outro meio que o professor utiliza para referenciar. Foi observado por intermédio das respostas (gráfico 5), que todas as fontes são referenciadas pelos docentes, porém, nem todas são citadas, resultando em uma apresentação da fonte, mas sem indicar onde foi utilizada.

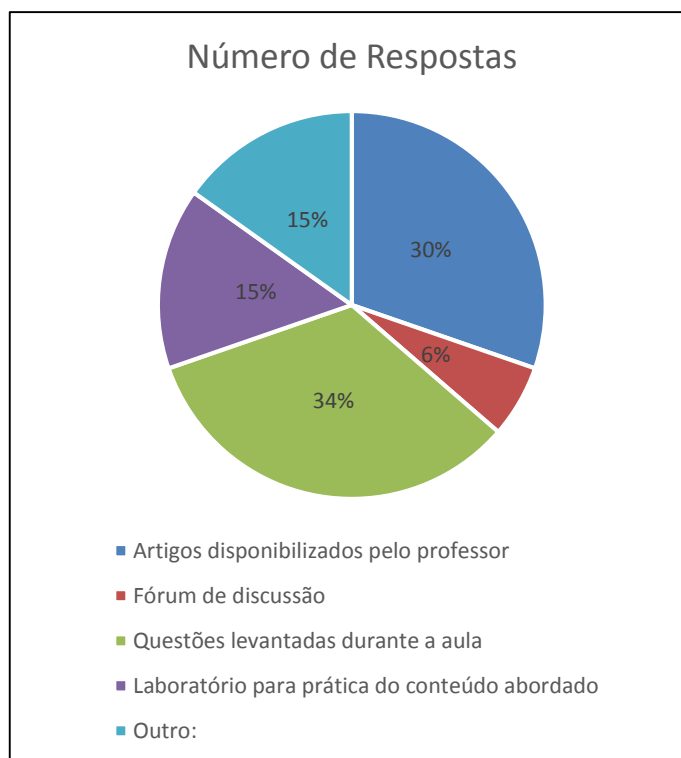
GRÁFICO 5: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 13.



FONTE: Qualtrics, 2017.

A questão 12 visa analisar como o professor tira dúvidas relacionados ao conteúdo descrito em aula e quais as ferramentas para auxiliar o aluno a compreender a disciplina, ou seja, por meio de artigos disponibilizados pelo professor, fórum de discussão, questões levantadas durante a aula, laboratório para prática do conteúdo abordado ou outro método utilizado pelo professor. Foi observado em relação às respostas da questão 12 (gráfico 6), foi observado que são disponibilizados artigos para auxiliar e também é possível o discente questionar em caso de dúvida. Dentre as alternativas na pergunta, também foram destacadas as atividades extras propostas pelo professor, dicas de materiais complementares, vídeos, demonstração de técnica ou assunto, simulação realística, seminários e aulas práticas em campo.

GRÁFICO 6: QUANTIDADE DE RESPOSTAS DA QUESTÃO 12.



FONTE: Qualtrics, 2017.

Em relação ao impacto do auxílio fornecido pelo professor na média da classe (quadro 3), foi observado que a média da turma aumenta com a quantidade de meios para ajuda na compreensão do conteúdo lecionado em sala.

QUADRO 3: COMPARAÇÃO ENTRE AS QUESTÕES 3 E 12.

Com base nas avaliações, quanto das mensagens emitidas em aula são compreendidas pelo aluno?	Quais os meios de auxílio para compreensão do tema abordado?	Quais os meios de auxílio para compreensão do tema abordado?	Quais os meios de auxílio para compreensão do tema abordado?	Quais os meios de auxílio para compreensão do tema abordado?	Quais os meios de auxílio para compreensão do tema abordado?
	Artigos disponibilizados pelo professor	Fórum de discussão	Questões levantadas durante a aula	Laboratório para prática do conteúdo abordado	Outro:
40	X		X		Atividades propostas pelo professor e dicas de materiais complementares
50			X		
50	X		X		Simulação Realística
58			X		
60	X		X		
60					
66	X				
70	X		X	X	seminários, aulas práticas em campo
76	X		X	X	
81	X		X		Pesquisa na Internet
85	X	X	X	X	Vídeos e demonstração de técnica ou assunto.

FONTE: Qualtrics, 2017.

Para análise das respostas, foi utilizada uma distribuição cruzada para indicação das alternativas que foram preenchidas pelo mesmo professor, facilitando a comparação e verificação da veracidade na afirmação, conforme observado na primeira distribuição (quadro 4), onde é indicado que os materiais referenciados (na maioria dos casos) nos slides não são citados, ocorrendo em menor quantidade quando o professor destaca somente autores externos.

QUADRO 4: DISTRIBUIÇÃO CRUZADA ENTRE AS RESPOSTAS DAS QUESTÕES 11 E 13.

		Como são referenciadas as informações utilizadas?					
		Citação direta/ indireta	Campo no portal do aluno para as referências	Ao final de cada apresentação de slides, são destacadas as referências	O material não é referenciado	Outro:	Total
Quais informações disseminadas durante a aula são devidamente referenciadas?	Todas	4	2	7	0	0	8
	Somente de autoria externa em relação ao professor	2	0	3	0	0	3
	Quase todas, as exceções são:	0	0	1	0	0	1
	Nenhuma	0	0	0	0	0	0
	Total	6	2	11	0	0	12

FONTE: Qualtrics, 2017.

A entrevista com a coordenadora foi realizada no dia 08/11/2017 às 16:40, em que foi sugerida que a entrevista transcorresse na sala da coordenação, a duração foi de 30 minutos.

Na Graduação em Enfermagem, segundo a Coordenadora, ocorre a reclamação, principalmente, dos critérios de avaliação das disciplinas por parte dos estudantes, pois é considerado difícil aceitar os erros (por se tratar de um curso na área da saúde) e os mesmos não concordam com as críticas construtivas.

Os assuntos pessoais, de acordo com a Coordenadora, são tratados com privacidade, pois existe respeito entre o professor e o aluno e é ensinado na disciplina de ética a respeitar as diferenças, independente da opção, cor ou opinião. Os problemas, segundo a coordenadora, são guardados e trabalhados individualmente com o professor ou a secretaria, os mais sérios são resolvidos pela coordenadora.

São disponibilizados tanto para estudo quanto para desenvolvimento de projetos materiais via xerox e portal do aluno (plataforma disponibilizada pela universidade para o ensino superior), ou seja, é disponibilizado o material físico em caso de problemas com o uso de computadores.

Quanto às atividades desenvolvidas na graduação, a Coordenadora, destacou que os objetivos e regras para desenvolvimento sempre são orientados por escrito e com guia acompanhando para o caso de estágio ou uso do laboratório, tendo em vista que a maioria dos projetos são desenvolvidos na Norma Vancouver, os restantes variam entre ABNT e normas da revista. A Coordenadora também salientou a possibilidade de o trabalho ser utilizado em uma revista, periódico e/ou artigo, tendo em vista que, independente do destino, o projeto sempre é corrigido e devolvido.

Em relação à propriedade intelectual, segundo a Coordenadora, todas as fontes utilizadas pelos professores nas aulas e slides são devidamente referenciadas e para identificação de plágio nas atividades desenvolvidas pelos alunos, o portal do aluno possui ferramenta para rastrear cópias que não são devidamente referenciadas e no *Google*, por meio de pesquisa de trechos específicos do projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÃO PARA PESQUISAS FUTURAS

A abordagem da infoética no curso de enfermagem demonstrou a multidisciplinaridade da área, discutida por Capurro (2005) e a possibilidade de uma análise do perfil ético da instituição. Por meio da resolução dos objetivos específicos, ou seja, na definição das perguntas que enquadram o perfil da uma graduação em enfermagem sobre infoética, coleta dos dados quantitativos e qualitativos utilizando a entrevista e a ferramenta Qualtrics segundo a amostra definida por intermédio de cálculo estatístico. Por meio da análise dos resultados obtidos, é possível afirmar a hipótese de que a graduação em enfermagem é considerada ética no tratamento, armazenamento e uso das informações internas e externas, pois a amostra através do questionário demonstrou uma necessidade de melhoria na disseminação de informação e na coleta, porém, em conjunto com a coordenação através de entrevista, foram apresentados dados positivos, como a preocupação com a privacidade, desigualdade informacional, ou seja, por meio do quadro 9 são destacadas tentativas de meios para auxílio no caso de dúvidas dos discentes. Por intermédio da entrevista, foi possível destacar o ponto de vista do aluno e obter uma visão geral da graduação, resultando em dados que complementaram a pesquisa, ou seja, a averiguação de reclamações, maiores detalhes sobre o desenvolvimento de projetos, enfim, confirmando a hipótese.

Para resolução dos problemas apontados na pesquisa, percebe-se que é fundamental a troca de informações entre os docentes sobre os métodos de uso, coleta e disseminação de informação, pois, é observada uma diferença entre os padrões de formatação, solicitação de projetos, meios de auxílio e proteção da privacidade. Outro fator observado é a necessidade de conhecimento do conceito de infoética por parte dos docentes, tendo em vista que auxilia na resolução de problemas como a média da sala abaixo do mínimo indicado pela instituição para aprovação da instituição em uma disciplina, dentre outros. Também é necessário um maior comprometimento dos alunos em relação às disciplinas, pois foi destacado pela coordenadora que os laboratórios estão disponíveis para estudo, mas raramente são utilizados.

Para o desenvolvimento de futuras pesquisas na área de infoética, em especial a análise referente à instituição de ensino superior, é fundamental a seleção de um ou mais filósofos cujo conhecimento sobre ética da informação seja notável e defina uma base para a análise do curso. Também é fundamental a análise do contexto, ou seja, verificar a instituição e o curso que será foco da pesquisa, pois é indubitavelmente vital para definição precisa da metodologia adequada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Filipe J. R. de. Ética e desempenho social das organizações: um modelo teórico de análise dos fatores culturais e contextuais. **Rev. adm. contemp.** 2007, vol. 11, n. 3, p. 105-125. ISSN 1982-7849. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552007000300006>. Acesso em: 25/03/2017 .

BELEI, Renata A.; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra R.; NASCIMENTO, Edinalva N.; MATSUMONO, Patrícia H. V. R. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, n. 30, 2008. Disponível em: <<https://transcricoes.com.br/wp-content/uploads/2014/11/O-uso-de-entrevista-observa%C3%A7%C3%A3o-e-videografa%C3%A7%C3%A3o-em-pesquisa-qualitativa.pdf>>. Acesso em 23/08/2017.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>. Acesso em 23/08/2017.

BRAGA, Gilda M. **Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos**. 1995. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/241>>. Acesso em 20/11/2017.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, p. 292. 1988.

BUSSAB, Wilton de O.; MORETTIN, Pedro A. **Estatística básica**. Saraiva, São Paulo. 8ª ed, p. 267-290. 2010.

CAMPOS, Michele; GREYKE, Michl; VALE, Tacyanne do. **História da ética**. CienteFico, 2002. Disponível em:<<http://www.ceap.br/material/MAT25082013230426.pdf>>. Acesso em 11/10/2017.

CAPURRO, Rafael. **A dor e a delícia da Era digital**. Entrevistador: João Antonio de Moraes. Entrevista Concedida à Revista Filosofia Ciência & Vida. 26 mar. 2014
Disponível em: <<http://www.capurro.de/moraes2014.pdf>>. Acesso em: 19/05/2017.

CAPURRO, Rafael. **Ética para provedores e usuários da informação**. In: KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H. (Org.). Ciberética. São Paulo: Loyola, p. 65-82, 2001.

CAPURRO, Rafael. *Information Ethic. Computer Society of India (CSI) Communications*, Vol. 28, 2005, No. 12.
<http://www.capurro.de/csi_June2005infoeth.pdf>. Acesso em: 15/05/2017.

CARNEIRO, Larissa A.; PORTO, Celmo C.; DUARTE, Soraya B. R.; CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria A. Teaching ethics in undergraduate health courses. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 3, p. 412-421, 2010. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/profile/Soraya_Duarte/publication/262630826_Teaching_ethics_in_undergraduate_health_courses/links/540a2cd80cf2f2b29a2ccea1/Teaching-ethics-in-undergraduate-health-courses.pdf>. Acesso em 11/10/2017.

CLOTET, Joaquin. *Una introducción al tema de la ética*. **Psico**, v. 12, n. 1, p. 84-92, 1986. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/intetica.htm>>. Acesso em: 20/02/2016.

DANTON, Gian. Metodologia científica. **Pará de Minas: Virtualbooks**, 2002.

FEATHER, John, STURGES, Paul. *International encyclopedia of information and library science*. Routledge, 2003.
<http://mlisuok.weebly.com/uploads/2/6/9/0/26907671/international_encyclopedia_of_information_ind_library_science.pdf>. Acesso em: 15/05/2017.

FERNANDES, Francisco L. Lucro ético. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XII, n. 69, out 2009. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6839>. Acesso em 11/04/2017.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Dicionário do Aurélio Online**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/polis>>. Acesso em 15/11/2017.

FERREIRA, Heliane M.; RAMOS, Lais H. **Diretrizes curriculares para o ensino da ética na graduação em enfermagem**. Acta Paulista de Enfermagem, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n3/a12v19n3>>. Acesso em 11/10/2017.

FLORIDI, Luciano. *Information ethics: an environmental approach to the digital divide. Philosophy in the Contemporary World*, v. 9, n. 1, p. 39–45, 2002.

FROEHLICH, Thomas J. **Survey and analysis of the major ethical and legal issues facing library and information services**. IFLA publications, 1997. <<http://search.proquest.com/openview/dbac3427d19a7be80272eb893b764280/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1818555>>. Acesso em: 15/05/2017.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4ª edição, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 15/05/2017.

GOLDIM, José R. **Ética**. Rio Grande do Sul, 2000. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/etica.htm>. Acesso em: 20/02/2016.

GONZALEZ DE GOMEZ, Maria N.; CAVALCANTI, Marcia T.; JESUS, Elizabeth M. F. de; LACERDA, Thays; MEIRELLES, Mariana B. **INTEGRIDADE DA PESQUISA, ÉTICA DA CIÊNCIA E REGIMES DE INFORMAÇÃO–II OFICINA**. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 60, 2016. Disponível em: <<http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/relatorio.pdf>>. Acesso em 07/12/2017.

GRITTEM, Luciana; MEIER, Marineli Joaquim and ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. **Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem**. *Scielo*, 2008, vol.17, n.4, pp. 765-770. ISSN 1980-265X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/19.pdf>>. Acesso em 23/06/2015.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Briquet de lemos Livros, 2004. Disponível em: <<http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/CICRAD2011/M1%20Aulas/M1A3%20Aula/20619171-le-coadic-francois-a-ciencia-da-informacao.pdf>>. Acesso em 11/11/2017.

MASCARENHAS, Nildo B.; ROSA, Darci de O. S. Bioética e formação do enfermeiro: uma interface necessária. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 19, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/714/71416097019/>>. Acesso em 11/10/2017.

MASON, Richard O., COLLINS, Carr P. **Four Ethical Issues of the Information Age**. Edwin L. Cox Escola de Administração do Sudeste da Universidade Metodista, Texas, p. 9, 1986.

MOORE, George E. **Princípios Éticos**. Abril Cultural, São Paulo, 1975. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/1536/998>. Acesso em 20/10/2016.

OCHOA, Carlos. **Qual é o tamanho da amostra que eu preciso?**. Blog da netquest, São Paulo, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.netquest.com/blog/br/qual-e-o-tamanho-de-amostra-que-preciso/>>. Acesso em 23/06/2015.

PASCHOAL, Amarílis S.; MANTOVANI, Maria de F.; POLAK, Ymiracy N. S. A importância da ética no ensino da enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 7, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1663/1389>>. Acesso em 11/10/2017.

QUALTRICS. **Qualtrics [software]**. 2017. Disponível em: <<http://qualtrics.com>>. Acesso em: 23/05/2017.

REICHMANN, Gerhard. **Direito da Informação na Áustria**. In: KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H. (Org.). Ciberética. São Paulo: Loyola, p. 153-172, 2001.

SETZER, Valdemar W. **Dado, informação, conhecimento e competência**. DataGramaZero Revista de Ciência da Informação, n. 0, 1999. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44270487/ART_2_GEST.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1497853848&Signature=gG2wzBqHjErsnVLAg2z96TwPaFE%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDado_Informacao_Conhecimento_e_Competenc.pdf>. Acesso em: 19/05/2017.

SINGER, Peter A. *et al. Evaluation of a multicenter ethics objective structured clinical examination*. **Jornal da medicina interna em geral**, v. 9, n. 12, p. 690-692, 1994.

SMITH, Martha M. *Infoethics for leaders: Models of moral agency in the information environment*. **Library Trends**, v. 40, n. 3, p. 553-570, 1992.

SOUZA, Francisco das C. de. **Ética e deontologia: textos para profissionais atuantes em bibliotecas**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da UNIVALI, p. 55, 2002.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. **Gestão do conhecimento**. Bookman Editora, 2009. Disponível em: <http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/T/TAKEUCHI_Hirotaka/Gestao_Do_Conhecimento/Liberado/Cap_01.pdf>. Acesso em 15/11/2017.

TOLOI, Gabriela G.; MANZINI, Eduardo J. **Etapas da estruturação de um roteiro de entrevista e considerações encontradas durante a coleta dos dados**. VIII encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT14-2013/AT14-008.pdf>. Acesso em 23/08/2017.

UNIVERSIDADE POSITIVO. Setor de graduação e especialização. In: **Missão e Valores, Instituição e Enfermagem**. Paraná, 2017. v. 1. Disponível em: <http://www.up.edu.br>. Acesso em: 26/05/2017.

VIALI, Lori. **Apostila de Estatística Descritiva**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.mat.ufrgs.br/~viali/>. Acesso em 23/06/2015.

WAINER, Jacques. **Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação**. Atualização em informática, v. 1, p. 221-262, 2007. Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/outros/Pesquisa.pdf. Acesso em 23/08/2017.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em 07/12/2017.

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADAS NO QUESTIONÁRIO.

1. Você sabe o que é ética em informação?
2. Se sim, Defina:
3. Com base nas avaliações, quanto das mensagens emitidas em aula são compreendidas pelo aluno?
4. De que forma o professor deve tratar questões pessoais de um aluno em sala de aula?
5. De que forma a privacidade é garantida?
6. Quanto a utilização de material externo, como é disponibilizado?
7. Quanto aos projetos, como são utilizados após a avaliação?
8. O aluno é informado sobre a intenção do professor quanto ao projeto? (no caso de utilização para outros fins além da avaliação e atribuição de nota)
9. Quais as regras para postagem de trabalhos/projetos? (basicamente o que pode e o que não pode)
10. Como é identificado o plágio nos projetos?
11. Quais informações disseminadas durante a aula são devidamente referenciadas?
12. Quais os meios de auxílio na compreensão do tema abordado?
13. Como são referenciadas as informações utilizadas?

APÊNDICE 2: ROTEIRO DE PERGUNTAS UTILIZADAS NA ENTREVISTA.

1. Qual é o feedback dos alunos quanto a comunicação com professores?
2. De que forma o professor em geral, trata de questões pessoais de um aluno em sala de aula?
3. De que forma a privacidade é garantida?
4. Quanto a utilização de material externo, como é disponibilizado?
5. Quanto aos projetos, como são utilizados após a avaliação?
6. O aluno é informado sobre a intenção do professor quanto ao projeto? (no caso de utilização para outros fins além da avaliação e atribuição de nota)
7. Quais as regras para postagem de trabalhos/projetos? (basicamente o que pode e o que não pode)
8. Como é identificado o plágio nos projetos?
9. Quais informações disseminadas durante a aula são devidamente referenciadas?
10. Quais os meios de auxílio na compreensão do tema abordado?
11. Como são referenciadas as informações utilizadas?

APÊNDICE 3: RESPOSTAS QUALITATIVAS DAS PERGUNTAS 2, 4 E 5.

Se Sim:	De que forma o professor deve tratar questões pessoais de um aluno em sala de aula?	De que forma a privacidade é garantida?
Uso de informação seja ela de aluno, de outros colegas, de fontes publicadas, etc utilizando para isso autorização de uso, citação de fontes, ou sigilo de informação (pacientes, por exemplo) se for o caso. Uso das premissas éticas.	individualmente, sem exposição, amenizando ânimos e não dando margem a continuidade de um assunto inadequado.	em conversas fora da sala de aula, de modo individual e em ambiente seguro (sem outras pessoas, não em corredores..)
A necessidade de ética durante a produção e publicação de informações, por exemplo.	Individualmente	Conversar individualmente
Respeito aos princípios éticos na divulgação de informações	Questões pessoais jamais devem ser tratadas em sala de aula e sim, de maneira privada	Em relação direta professor-aluno, de maneira privativa e sem comentários com outrem.
Utilizar a informação quando necessário		
Com o avanço na utilização de tecnologias de informação acredito ser necessário ter ética ao acessar, utilizar informações de ordem coletiva e comuns.	De forma individual, com respeito, mas dentro dos princípios e normas institucionais e quando necessário realizando os devidos encaminhamentos ou consultas ao seus superiores.	Tratando os assuntos de ordem pessoal apenas com professores, quando diretamente envolvidos em referido assunto, coordenadores

Ter cuidado e responsabilidade na forma que as informações vão ser divulgadas, respeitando os direitos individuais previstos na Constituição Brasileira, inclusive de privacidade.	Se o aluno ou aluna procurar o professor ou a professora em sala de aula para falar de problemas pessoais, devemos ouvir e se for necessário orientar na busca de serviços que são realizados pela própria Universidade ou em outras instituições que possam auxiliar no encaminhamento, solução do problema apresentado.	Não fazer comentários públicos sobre o caso, encaminhar para profissionais autorizados.
Ser ético na utilização dos recursos de comunicação	Individual e pessoalmente.	No sigilo que procuramos manter na comunicação, quando necessário.
conjunto de normas e valores que envolvem a interação social por meio das tecnologias da informação, como o respeito ao usuário, à sua privacidade e de suas informações, etc.	Com respeito, antes de tudo, e orientando, na medida do possível, para que o aluno busque os auxílios de que necessita.	Não expondo o aluno para os demais colegas e professores e levando às pessoas competentes somente em casos que a privacidade pode ser prejudicial para o aluno.
	É necessário separar o ambiente de sala de aula com os problemas pessoais tanto dos alunos como do professor. No entanto, deve-se observar se esse problema pessoal do aluno está atrapalhando o seu rendimento acadêmico. Nessa situação acho importante que o converse com o aluno e o instrua a procurar ajuda, mas fora do momento da aula.	Evitando falar de problemas pessoais em público
	Devemos tratá-las sempre mantendo a privacidade do aluno e buscar conversar com ele num local mais protegido.	Levar esse aluno para um local TRANQUILO E PROTEGIDO QUE GARANTA A PRIVACIDADE.
	De maneira privada	Em ambiente separado de outras pessoas, protegido e mantendo sigilo
	Não trato	Não tratando de questões pessoais

APÊNDICE 4: RESPOSTAS QUALITATIVAS DAS PERGUNTAS 7, 8 E 9.

Quanto aos projetos desenvolvidos durante a disciplina, como são utilizados após a avaliação?	O aluno é informado sobre a intenção do professor quanto ao projeto? (no caso de utilização para...	Quais as regras para postagem de trabalhos/projetos? (basicamente o que pode e o que não pode)
Devolvidos aos acadêmicos após a atividade, ou ao término da disciplina. Apenas provas e atividades avaliativas entregues/elaboradas pelo professor são arquivadas.	Sim.	Uso obrigatório de fontes confiáveis, citação bibliográfica nos textos com sua adequada referência.
Disponibilizados no portal	Sim, sempre	Informe os alunos e citar os autores
Geralmente são esquecidos tanto pelo professor quanto pelo aluno	Pessoalmente, procuro sempre expor o objetivo da proposta, para a construção do conhecimento e sua utilização na vida profissional.	Geralmente se restringem a explicação da atividade
A pergunta, não está clara. Na minha disciplina os projetos desenvolvidos estabelecem uma relação entre teoria e prática, uma reflexão crítica sobre a realidade social. O objetivo é que os alunos e alunas aprendam a desenvolver ações éticas, comprometidas com a promoção dos direitos os indivíduos. Portanto os projetos desenvolvem um aprendizado intelectual, não há outra finalidade.	Sim, o objetivo é explicado aos alunos e alunas.	Os meus projetos são realizados e entregues impresso e as regras são apontadas antes da sua realização. Não a divulgação coletiva.
Guardados para nova utilização	sim	Com consentimento livre e esclarecido

Todas as atividades realizadas pelos alunos têm ligação com conteúdos posteriores e são retomados para discussão.	Sim	Devem seguir as normas de formatação (ABNT), ter conteúdo coerente, atender o que foi solicitado e não apresentar plágio.
Os materiais de bioquímica desenvolvidos em sala podem servir como consulta de conteúdo para as próximas disciplinas	Sim	O que pode: entregar trabalhos em manuscrito preferencialmente e no que não pode: utilizar referências sem cunho científico
Realizo um feedback em sala de aula.	Faço esse comunicado em sala de aula.	Pode: enviar até 2 tentativas. / Não pode: entregar o trabalho em mãos, deve ser postado.
Guardados ou devolvidos	Sim	Seguem as regras da instituição
Não são desenvolvidos projetos	Não são desenvolvidos projetos	Não são solicitados trabalhos/projetos

APÊNDICE 5: RELATÓRIO DAS PESQUISAS FEITAS NA UFPR: BASE DE TESES E DISSERTAÇÕES.

Termo pesquisado	Quantidade de teses
Rafael Capurro	1033
Infoética	33
Ética da Informação	59
Ética	614941
Infoethic	263
InformationEthic	193
Ethic	2988113

Termo pesquisado	Termo pesquisado	Quantidade de teses
Rafael Capurro	Infoética	4
Rafael Capurro	Ética da Informação	5
Rafael Capurro	Ética	115
Rafael Capurro	Infoethic	0
Rafael Capurro	InformationEthic	16
Rafael Capurro	Ethic	162
Infoética	Ensino Superior	1
Infoética	Graduação	0
Infoética	Enfermagem	3
Ética da Informação	Ensino Superior	12
Ética da Informação	Graduação	0
Ética da Informação	Enfermagem	13
Ética	Ensino Superior	12092
Ética	Graduação	1611
Ética	Enfermagem	16395
Infoethic	Grading	0
Infoethic	Nursing	0
InformationEthic	Grading	0
InformationEthic	Nursing	38
Ethic	Grading	166
Ethic	Nursing	116698

Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Quantidade
Rafael Capurro	Infoética	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Infoética	Graduação	0
Rafael Capurro	Infoética	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Graduação	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Enfermagem	1
Rafael Capurro	Ética	Ensino Superior	8
Rafael Capurro	Ética	Graduação	60
Rafael Capurro	Ética	Enfermagem	151
Rafael Capurro	Infoethic	Grading	0
Rafael Capurro	Infoethic	Nursing	3
Rafael Capurro	InformationEthic	Grading	25
Rafael Capurro	InformationEthic	Nursing	695
Rafael Capurro	Ethic	Grading	26
Rafael Capurro	Ethic	Nursing	698

APÊNDICE 6: RELATÓRIO DAS PESQUISAS FEITAS NO GOOGLE ACADÊMICO.

Termo pesquisado	Quantidade de publicações
Rafael Capurro	1630
Infoética	172
Ética da Informação	552
Ética	1210000
Infoethic	11
InformationEthic	229
Ethic	617000

Termo pesquisado	Termo pesquisado	Quantidade de artigos
Rafael Capurro	Infoética	12
Rafael Capurro	Ética da Informação	383
Rafael Capurro	Ética	281
Rafael Capurro	Infoethic	34
Rafael Capurro	InformationEthic	1080
Rafael Capurro	Ethic	1150
Infoética	Ensino Superior	42
Infoética	Graduação	7
Infoética	Enfermagem	59
Ética da Informação	Ensino Superior	52800
Ética da Informação	Graduação	15000
Ética da Informação	Enfermagem	63100
Ética	Ensino Superior	72700
Ética	Graduação	16600
Ética	Enfermagem	91200
Infoethic	Grading	1
Infoethic	Nursing	75
InformationEthic	Grading	8710
InformationEthic	Nursing	35600
Ethic	Grading	15900
Ethic	Nursing	39800

Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Quantidade
Rafael Capurro	Infoética	Ensino Superior	2
Rafael Capurro	Infoética	Graduação	0
Rafael Capurro	Infoética	Enfermagem	3
Rafael Capurro	Ética da Informação	Ensino Superior	176
Rafael Capurro	Ética da Informação	Graduação	29
Rafael Capurro	Ética da Informação	Enfermagem	242
Rafael Capurro	Ética	Ensino Superior	183
Rafael Capurro	Ética	Graduação	35
Rafael Capurro	Ética	Enfermagem	256
Rafael Capurro	Infoethic	Grading	0
Rafael Capurro	Infoethic	Nursing	9
Rafael Capurro	InformationEthic	Grading	8
Rafael Capurro	InformationEthic	Nursing	228
Rafael Capurro	Ethic	Grading	10
Rafael Capurro	Ethic	Nursing	223

APÊNDICE 7: RELATÓRIO DAS PESQUISAS FEITAS NA CAPES.

Termo pesquisado	Quantidade de publicações
Rafael Capurro	64
Infoética	6
Ética da Informação	6
Ética	24923
Infoethic	1
InformationEthic	0
Ethic	8443

Termo pesquisado	Termo pesquisado	Quantidade de publicações
Rafael Capurro	Infoética	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	1
Rafael Capurro	Ética	6
Rafael Capurro	Infoethic	0
Rafael Capurro	InformationEthic	5
Rafael Capurro	Ethic	6
Infoética	Ensino Superior	0
Infoética	Graduação	0
Infoética	Enfermagem	0
Ética da Informação	Ensino Superior	0
Ética da Informação	Graduação	0
Ética da Informação	Enfermagem	12
Ética	Ensino Superior	41
Ética	Graduação	0
Ética	Enfermagem	0
Infoethic	Grading	0
Infoethic	Nursing	0
InformationEthic	Grading	0
InformationEthic	Nursing	7
Ethic	Grading	0
Ethic	Nursing	0

Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Quantidade
Rafael Capurro	Infoética	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Infoética	Graduação	0
Rafael Capurro	Infoética	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Graduação	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Ética	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Ética	Graduação	0
Rafael Capurro	Ética	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Infoethic	Grading	0
Rafael Capurro	Infoethic	Nursing	0
Rafael Capurro	InformationEthic	Grading	0
Rafael Capurro	InformationEthic	Nursing	0
Rafael Capurro	Ethic	Grading	0
Rafael Capurro	Ethic	Nursing	0

APÊNDICE 8: Relatório Das Pesquisas Feitas Na SCIELO.

Termo pesquisado	Quantidade de publicações
Rafael Capurro	5
Infoética	1
Ética da Informação	80
Ética	3703
Infoethic	0
InformationEthic	43
Ethic	446

Termo pesquisado	Termo pesquisado	Quantidade de publicações
Rafael Capurro	Infoética	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	0
Rafael Capurro	Ética	1
Rafael Capurro	Infoethic	0
Rafael Capurro	InformationEthic	0
Rafael Capurro	Ethic	0
Infoética	Ensino Superior	0
Infoética	Graduação	0
Infoética	Enfermagem	0
Infoética	pós graduação	0
Ética da Informação	Ensino Superior	0
Ética da Informação	Graduação	0
Ética da Informação	Enfermagem	0
Ética	Ensino Superior	31
Ética	Graduação	0
Ética	Enfermagem	32
Infoethic	Grading	0
Infoethic	Nursing	0
InformationEthic	Grading	0
InformationEthic	Nursing	0
Ethic	Grading	0
Ethic	Nursing	1

Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Quantidade
Rafael Capurro	Infoética	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Infoética	Graduação	0
Rafael Capurro	Infoética	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Graduação	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Ética	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Ética	Graduação	0
Rafael Capurro	Ética	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Infoethic	Grading	0
Rafael Capurro	Infoethic	Nursing	0
Rafael Capurro	InformationEthic	Grading	0
Rafael Capurro	InformationEthic	Nursing	0
Rafael Capurro	Ethic	Grading	0
Rafael Capurro	Ethic	Nursing	0

APÊNDICE 9: RELATÓRIO DAS PESQUISAS FEITAS NA BRAPCI.

Termo pesquisado	Quantidade de publicações
Rafael Capurro	5
Infoética	0
Ética da Informação	9
Ética	993
Infoethic	0
InformationEthic	9
Ethic	139

Termo pesquisado	Termo pesquisado	Quantidade de publicações
Rafael Capurro	Infoética	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	0
Rafael Capurro	Ética	0
Rafael Capurro	Infoethic	0
Rafael Capurro	InformationEthic	0
Rafael Capurro	Ethic	0
Infoética	Ensino Superior	0
Infoética	Graduação	0
Infoética	Enfermagem	0
Ética da Informação	Ensino Superior	11
Ética da Informação	Graduação	0
Ética da Informação	Enfermagem	27
Ética	Ensino Superior	16
Ética	Graduação	0
Ética	Enfermagem	34
Infoethic	Grading	0
Infoethic	Nursing	0
InformationEthic	Grading	0
InformationEthic	Nursing	0
Ethic	Grading	0
Ethic	Nursing	1

Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Termo Pesquisado	Quantidade
Rafael Capurro	Infoética	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Infoética	Graduação	0
Rafael Capurro	Infoética	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Graduação	0
Rafael Capurro	Ética da Informação	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Ética	Ensino Superior	0
Rafael Capurro	Ética	Graduação	0
Rafael Capurro	Ética	Enfermagem	0
Rafael Capurro	Infoethic	Grading	0
Rafael Capurro	Infoethic	Nursing	0
Rafael Capurro	InformationEthic	Grading	0
Rafael Capurro	InformationEthic	Nursing	0
Rafael Capurro	Ethic	Grading	0
Rafael Capurro	Ethic	Nursing	0

ANEXO: MODELO DE AUTORIZAÇÃO.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):

JUSTIFICATIVA:

Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) têm por finalidade possibilitar, aos sujeitos da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade no sentido de participar (ou não), seja efetivamente livre e consciente.

Em tal sentido, a opção pelo termo na primeira pessoa do singular ("eu estou sendo convidado") vem com o propósito de demonstrar, de maneira inequívoca, que todos os detalhes da pesquisa foram esclarecidos e o sujeito está plenamente convicto de tudo o que lhe foi explicado. Ao diverso do termo escrito na terceira pessoa do singular ("você está sendo convidado"), que traz em si uma certa imposição de vontade do pesquisador ao sujeito da pesquisa, o termo escrito na primeira pessoa faz evidenciar o pleno convencimento do sujeito de se sentir, ele próprio, esclarecido suficiente e detalhadamente sobre a investigação, o que assegura, ao próprio pesquisador, maior tranquilidade, caso seja questionado a respeito.

Mesmo nas hipóteses de necessidade representação, o TCLE vem escrito na primeira pessoa, pois é o representante do sujeito da pesquisa (e não ele próprio) quem toma conhecimento de todos os detalhes do projeto de investigação, para poder consentir adequadamente.

No preenchimento dos TCLEs pelos sujeitos de pesquisa, as páginas que não forem assinadas, devem receber uma rubrica do sujeito de pesquisa e do pesquisador em todas as páginas.

A) MAIORES DE 18 ANOS E PLENAMENTE CAPAZES DE MANIFESTAR O SEU CONSENTIMENTO: quem assina é o próprio sujeito da pesquisa, ainda que esteja exposto a condicionamentos específicos ou sob influência de autoridade (exemplo: estudantes, militares, empregados, presidiários, internos em centros de readaptação, casas-abrigo, asilos, associações religiosas e semelhantes).

Eu estou sendo convidado a participar de um estudo denominado “Infoética segundo o filósofo Rafael Capurro” aplicada em uma instituição de ensino superior (Universidade Positivo), cujos objetivos e justificativas são: detectar as fontes de informação e os dados processados na organização e a utilização das mesmas, aplicando como métrica da análise os conceitos de ética da informação segundo Rafael Capurro, verificando os indivíduos que estão envolvidos com a organização e o relacionamento entre os mesmos e com os sistemas de informação da graduação em Enfermagem. A minha participação no referido estudo será no sentido de responder a entrevista e o questionário disponibilizados pelo pesquisador.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, posso me sentir incomodado com os questionamentos levantados e informarei ao pesquisador sobre.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Sandra de Fátima Santos e Luiz Gustavo dos Santos com eles poderei manter contato pelo telefone do pesquisador: (41) 98421-7240 (Luiz Gustavo dos Santos) e e-mail da orientadora: sandras@ufpr.br.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo informar a orientadora pelo email para sandras@ufpr.br.

Curitiba, __ de _____ de 2017.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Pesquisador

Orientadora